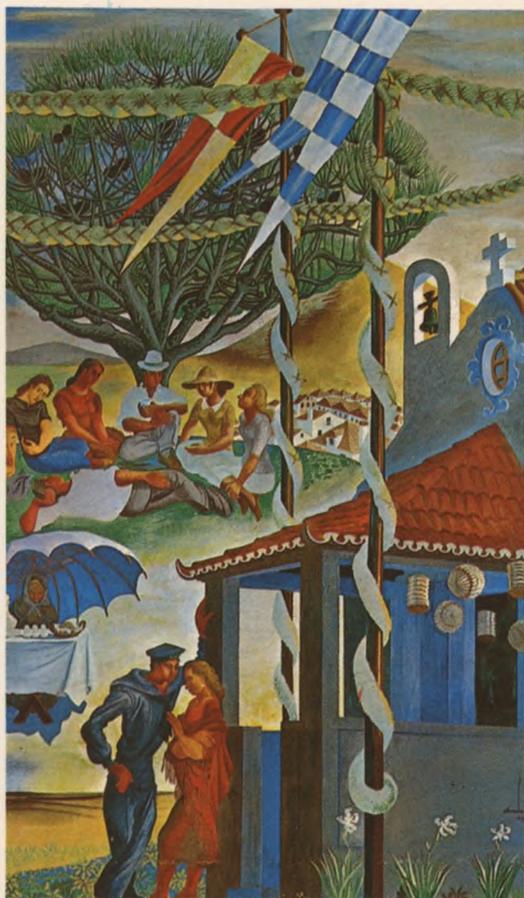


O SAGRADO E O PROFANO

**

HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1987

MARIA HELENA DA CRUZ COELHO *

LEONTINA VENTURA *

OS BENS DE VATAÇA VISIBILIDADE DE UMA EXISTÊNCIA **

Na hora de passar para o outro mundo Vataça recorda o seu mundo anterior. No seu «moymento» (de memória) ⁽¹⁾, com a sua inscrição e emblemática (águias bicéfalas), numa ânsia de enraizamento, fixa a memória da sua fortuna, da sua linhagem, do seu nascimento ⁽²⁾ — o seu passado mais longo. No seu inventário (de *invenire*, sinónimo de *recognos-*

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

** Centra-se este estudo sobre o inventário de bens de D. Vataça que publicamos em apêndice, com a respectiva justificação. A apresentação do referido documento, bem como de um glossário com a finalidade prática de o ajudar a interpretar e ainda de um quadro onde se analisa quantitativa e qualitativamente cada uma das peças do mesmo, leva-nos a um estudo inicial de síntese que se deve portanto complementar, nos pormenores descritivos, com as demais partes do trabalho. Uma vez mais queríamos agradecer às Dr.^{as} Maria José Mexia e Maria José Leote, que amavelmente diligenciaram no sentido de que obtivéssemos a transcrição do inventário, dado que o estado do documento era muito mau. E igualmente à Dr.^a Belarmina Ribeiro que nos facultou a consulta da sua obra.

C¹⁾ Consciente do seu poder, ela própria, decidindo manter-se presente, manda erigir um monumento à sua memória, associando ao culto funerário a sua própria imagem e a emblemática da sua casa: «Que os meus testamenteyros me façam fazer a mha sepultura per aquela guissa que eles virém que compre e assi como eles sabem que he mha vontade... e meu moymento como dicto he» (T.T. — *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp., m. 5, n.º 269). Defende Philippe Ariés, *Uhomme devant la mort*, Paris, 1977, p. 201, que *monumentum* vem de *memoria*. Ainda que a raiz etimológica daquela palavra seja *monere*, na prática os seus significados assimilam-se. Para o duplo sentido de *monumentum*, vid.. Horácio, *Carm.* 3.30.

(2) Christiane Klapisch Zuber, «L'invention du passé familial à Provence (XIV^e-XV^e siècles)», in *Temps, mémoire et tradition au Moyen Age*, Aix-en-Provence, 1983, pp. 97-118 (especialmente pp. 99-101).

cere, recordar) — feito é certo pelos cónegos da Sé de Coimbra, mas para cumprir as suas disposições testamentárias — ao enunciarem-se os seus bens para serem entregues, recordar, actualiza-se a memória desse mundo anterior, real mas ameaçado de desaparecimento. Nesse momento de liberalidade, subordinada ainda e sempre à fama, revela-se uma imagem concretizada nos objectos e nos sinais distintivos do seu *status*, oferece-se uma síntese fixadora de um passado que se quer presente. É o culminar de uma trajetória individual (e colectiva), de um sonho que dirigiu toda a sua vida: re-presentar a energia da sua casa, a qualidade dos seus antepassados, sobretudo da sua família principal (Lascaris), renovar o passado no presente (3).

Numa perfeita interdependência entre estruturas emocionais e estruturas sociais (4), na composição e no detalhe deste inventário, subjacente ao luxo e ao conforto dos interiores (tão caros a uma dama oriental), está a definição de um comportamento, de um estilo de vida que é a tradução das exigências do prestígio, do orgulho e da fama. No conteúdo da sua casa, a actualização de um quadro de vida, onde se projecta não só ela, os seus pensamentos e sentimentos, mas todo um inconsciente colectivo, um sistema simbólico (5).

Elemento da aristocracia de corte portuguesa (quer pelo seu casamento com Martim Anes de Soverosa, quer pelo parentesco e amizade com a rainha D. Isabel), inserida num processo de curialização e urbanização dessa camada dirigente, vivendo na corte (ou em cortes) e ela própria tendo a sua corte senhorial, era levada a viver no quadro das formas de vida desse grupo social. Tal como a liberalidade (já atrás focada), também a profusão do luxo assinalava especialmente a sua nobreza, assegurava a distância em relação aos outros, as diferenças sociais, os contrastes, dos quais tirava prazer a sensibilidade das camadas dirigentes (6). Sensibilidade também presente, em certos objectos, carregados de um forte

(3) J. Ruiz Domenec, *La memoria de los feudales*, Barcelona, 1984, pp. 220-223.

(4) Norbert Elias, *La dynamique de VOccident*, Paris, 1975, p. 292.

(5) Como afirma Adriano Duarte Rodrigues, tomando como ponto de referência a obra de Jean Remy, Liliane Voye e Emile Servais, *Produire ou reproduire? Une sociologie de la vie quotidienne*, tome I. *Conflits et transaction sociale*, tome II. *Transaction sociale et dynamique sociale*, «há uma topologia e uma temporalidade na delimitação do quotidiano em função da capacidade mobilizadora dos projectos investidos nos diferentes espaços ao longo da trajetória tanto individual (biográfica) como colectiva (social). Cf. «Uma sociologia da vida quotidiana», *Economia e Sociologia*, n.º 31, Évora, 1981, p. 120.

(6) Norbert Elias, *La civilisation des moeurs*, Paris, 1973, p. 306.

valor simbólico, quase mágico, ora referidos a um passado mais longínquo — figuras de Alexandre, figuras de Tróia — ora ao seu passado mais próximo (sinais do rei de Aragão, sinais do rei de Portugal?). No profano como no sagrado, o pensamento transborda em imagens, em transfigurações. Cada objecto, cada sinal tem um valor evocativo, é um símbolo, confundindo identidade e valor (7).

Panos, jóias, livros, objectos se descrevem, quase visíveis, quase reais, no inventário desta «domina» (8) — Vataça. Materialização e simbolismo de toda uma vida partilhada entre o céu e a terra, entre o poder público e o privado.

Vataça foi «senhora», mas era também mulher. Se aquela dignidade e função lhe conferiam um papel no espaço público, de detentora e administradora de terras e poderes, esta condição remetia-a para o espaço privado da casa, domínio por excelência do feminino.

Já noutro estudo, através de outras fontes, percorremos o itinerário desta dona no século, assinalando as etapas da sua vida e os marcos do seu poderio temporal, e mesmo para além dele, auscultando as suas últimas vontades, prefixadas no seu testamento (9).

(7) Johan Huizinga, *Homo ludens. El juego como elemento de la história*, Lisboa, 1943, p. 28.

(8) Como termos de confronto deste inventário, serão de analisar os testamentos de outras mulheres como D. Mafalda, D. Isabel, D. Teresa Anes, D. Beatriz, porque também se referem a bens móveis (António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. I, Lisboa, 1739, pp. 39-43; 144-153; 168-172; 341-355), o testamento de D. Dinis (*ibidem*, pp. 125-132) e o inventário de seus bens («Inventários e contas da casa de D. Dinis (1278-1282)», *Archivo Historico Portuguez*, vol. X, Lisboa, 1916, pp. 41-59) e ainda o inventário de 1296 do bispo do Porto, D. Sancho Peres (Alberto Feio, «Os bens dum bispo da Meia Idade. Inventário do séc. XIII», *Boletim da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga*, vol. X, 1920, pp. 117-126). Refira-se que quanto se disser sobre esta dama, em si mesma singular, só terá uma representatividade mais ampla no quadro de vida das mulheres do estrato mais elevado de corte.

(9) Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, *Vataça — uma dona na vida e na morte*, sep. de *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, 1.º vol., Porto, 1985, p. 39. Aliás, tudo o que agora analisamos se complementa e interpenetra com esse estudo anterior e só ambos, no seu conjunto, nos dão a conhecer as diversas facetas de D. Vataça. Recordemos, todavia, alguns marcos cronológicos da sua vida: 1282 — vem para Portugal com Isabel de Aragão; 1285 — casa com Martim Anes de Soverosa; 1295 — fica viúva; 1297 — acompanha, como aia, Constança, filha de D. Isabel, aquando do seu casamento com Fernando IV de Castela; 1297 - [1317 - 1323] — permanece em Castela; 1323 — primeiro testamento lavrado em Santiago de Cacém; 1336 — segundo testamento feito em Coimbra a favor da Sé Catedral.

Agora situá-la-emos essencialmente no âmbito da sociedade doméstica em que se moveu, apegada a objectos — de matérias, formas, cores e funções variadas — que manejou para seu serviço e conforto, que ostentou como símbolos da riqueza e do poder, que venerou pelo culto e sentimentos religiosos, ao longo de muitos dias da sua existência. Objectos pessoais, usados ou amados, todos eles impregnados e testemunhos de uma vida, a um tempo social e própria, reflexos e reflectores de uma personalidade, de um querer e um ser. Objectos que estiveram ao dispor de uma senhora, que rechearam uma casa.

Que casa?

Membro de várias cortes (aragonesa, portuguesa e castelhana) terá Vataça tido várias casas, frequentemente situadas em meios urbanos ⁽¹⁰⁾, fosse Valladolid ou Sevilha, Lisboa, Santarém ou Coimbra. Cremos, todavia, que, regressada definitivamente a Portugal entre 1317 e 1323, é em Santiago de Cacém ⁽²¹⁾, onde tinha casa com fortaleza e palácio, que podemos aperceber o seu espaço privado, o quotidiano da sua vida, partilhando, talvez, nos últimos anos, o paço de Santa Clara com a sua Rainha Isabel.

Fora poderosa no público, invejada e concorrenciada por inimigos, devido ao seu prestígio e ao grande «amor» de que era objecto por parte de reis e rainhas, príncipes e princesas. Afirmara-se, não por ter manejado bem as armas, não * 24

⁽¹⁰⁾ Teve com certeza outras, enquanto casada com Martin Anes de Soverosa, situadas em meios rurais ou ruratizados como sejam, por exemplo, a da honra de Soverosa e as suas pousadas na Guarda. Os longos conflitos que, enquanto viúva, teve que sustentar com a família do marido, bem como a sua íntima relação com a Corte, não permitiam por certo que aí vivesse durante muito tempo.

O¹⁾ Possuindo já a comenda de Santiago de Cacém, pelo menos desde 20 de Julho de 1310 (cf. Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, *art. cit.*, p. 18, nota 32), aqui fez o seu primeiro testamento a 24 de Janeiro de 1323 e aqui vai permanecendo, continuamente ou com alternância (em 1327 e 1328 encontramos-a em Coimbra, no mosteiro de S. Francisco — T.T. — *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp. m. 92 n.º 4416 e 4418; *idem*, m. 93, n.º 4444), até 1332 pelo menos, data e local que constam de alguns traslados de documentos que manda fazer e que são testemunhados pelo seu corpo de vassallos, à frente do qual está o cavaleiro João Aires de Alter (T.T.— *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp., m. 92, n.º 4426). Seria pois Santiago de Cacém a sua corte senhorial, o seu centro militar e judicial. A prová-lo também estão alguns contratos com mercadores desta vila (bem como com outros de Santarém e Lisboa). Cf. Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, *art. cit.*, pp. 29-30 e notas 72 a 75. Veja-se ainda António Macedo e Silva, *Annaes do municipio de Santiago de Cacem*, Lisboa, 1869, pp. 17-19,20,22,26,52,75e76.

pela violência física, comprometedora da existência social, mas pela sua inteligência e qualidades, pela reflexão e previsão, pelo conhecimento da sociedade, dos caracteres e das almas, pelas suas vitórias no jogo político, na pacificação do mundo peninsular (12). Representante, pois, dum momento de viragem social — de transformação da nobreza de camada de cavaleiros em camada de cortesãos dominados pela monarquia, habituada a viver em grandes cortes régias, na familiaridade de soberanos —, ela própria foi sujeito de pressões sobre outros homens (reis, sobretudo, a quem intimidou e convenceu por palavras e gestos).

Agora, após ter feito fortuna nesta íntima e estreita relação com os poderes soberanos, na última fase da sua vida, substitui à organização da guerra e da violência, a organização do mundano, fazendo-o refluir para a sua casa, uma verdadeira corte, e para o interior de si mesma. Ela que substituíra ou ajudara a trocar o campo de batalha pela aliança, pelo jogo político, transfere agora este para a sua própria casa, verdadeiro microcosmos onde, ainda através do jogo, da representação, da festa cortesã, pretenderá aumentar a sua honra (13), ou, no privado, retemperar o seu espírito.

Efectivamente a sua casa, no inventário de seus bens, surge-nos como perfeita expressão da vida cortesã nas suas formas mais refinadas, sumptuosamente descrita, numa profusão de objectos e símbolos, que traduzem distinção social, nobreza. E ainda que não conheçamos os espaços, eles são-nos evocados pelos seus bens e, através destes, percorrê-los-emos, entrevendo o pulsar das vidas neles inscritos. Entrando para a sala, por portas que a projectam ainda para o exterior, e avançando por corredores que nos conduzem ao quarto e capela, num percurso do público para o privado, conheceremos Vataça em espaços de sociabilidade ou de recatado intimismo.

Na sua casa, como na sociedade, uma perfeita divisão das funções. Ao campo de batalha se sucede a aula ou sala dos cavaleiros (14), sumptuoso interior, preenchido e ornado de tudo quanto pode simbolizar aquele, numa transformação

(12) Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, *art. cit.*, pp. 16-21.

(13) Georges Duby, *Les trois ondes ou l'imaginaire du féodalisme*, Paris, 1982, p. 420.

(14) Cf. José João Rigaud de Sousa, «Casas-torre ainda existentes nos arredores de Braga», *O distrito de Braga*, 2.^a série, vol. III, fase. I-IV, 1964-1965, p. 6; Gustave Cohen, *La vida literaria en la Edad Media (la literatura francesa del siglo IX al XV)*, Madrid, 1977, p. 321.

dos prazeres da agressividade em prazeres passivos, simples prazeres dos olhos e dos ouvidos (15).

Neste espaço, prolongamento do exterior aberto à sociabilidade familiar, área do público, do masculino (16), se reunia Vataça com seu corpo de vassalos (cavaleiros e escudeiros) (17), com cuja colaboração contava (certamente à força de obséquios), aqui se preenchendo a função militar e judicial. Mas seria também aí a grande área da festa, do jogo, em que as imposições exteriores se transformavam em auto-imposições, em dissimulação, sempre para manter o prestígio social, a superioridade de grupo, numa palavra o seu afã de glória (18).

Por isso, se o imprevisível e o incerto que haviam dominado o seu quotidiano, mais justificariam a inexistência de mobiliário (à exreção de cama e arcas), numa sociedade em que ele não tinha grande importância (19). não impediram, todavia, o acentuado luxo, elegância e conforto. Luxo e conforto bem expressos na profusão das tapeçarias (tapetes, mantas, panos, couros) que cobriam paredes e estrados — algumas das quais simbolicamente marcadas com figuras épicas e sinais heráldicos —, dos quadros pendentes da parede, da rica baixela de ouro e prata (também ela marcada) e das múltiplas e coloridas almofadas, à volta da sala, em que se reclinavam. Para os banquetes, uma mesa (não mencionada no inventário) (20) cobrir-se-ia de sumptuosas toalhas ou mantéis franceses para sobre ela receber belas peças de baixela: bacias

(15) Gustave Cohen, *La vida literaria...*, p. 77; Norbert Elias, *La dynamique de L'Occident*, p. 41, pp. 225-240 e 241-267.

(16) Georges Duby, *Histoire de la vie privée*, t. 2, Paris, 1985, p. 72.

(17) O seu corpo de vassalos permanente («le noyau dur» como diz Duby) seria, nesta data, constituído por João Aires d'Alter cavaleiro, Martim Aires d'Alter escudeiro, Gonçalo Mendes escudeiro, Vasco Peres Ferraz escudeiro, João Mouro escudeiro, Gonçalo Anes de Alenquer e João Afonso de Alenquer (T.T. _____ *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp., m. 92, n.º 4426).

(18) Norbert Elias, *La civilisation des moeurs*, p. 294.

(19) Estamos certas todavia que, muitas das arcas presentes no inventário, fabricadas com materiais diversos (madeira de cipreste, madeira de pinho, verga, verga encourada, «sostifu») e de diferentes tamanhos (algumas inseridas dentro de outras), contendo umas livros, outras roupas, alimentos ou panos de luxo, estariam com certeza algumas delas na sala.

(20) Segundo Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa*, 3.^a ed., Lisboa, 1974, p. 82, a mesa era um móvel pouco considerado neste período. Na maior parte das vezes, não mais que um suporte e um estrado.

de prata para lavar as mãos antes da refeição, salseiras de jaspê para molhos, copas e pichéis de prata para beber, es-cudelas de prata onde se servia a comida. Comida que, não o esqueçamos, aqui chegava, depois de preparada numa bai-xela inferior (21), na cozinha (desviada da casa ou num piso inferior), por servidores domésticos, num trajecto que G. Duby faz corresponder à divisão da sociedade doméstica entre se-nhores e servidores, à distinção entre o fogo que coze e o que aquece, ilumina e glorifica (22).

Mas no mesmo espaço — a sala — o «disfarce do mundo ordinário», o ócio a que, por imperativos de poder, está redu-zida esta sociedade, preenche-se com outros jogos. Podemos pressupor que, como noutras cortes senhoriais, se ouvia mú-sica, canções de amor, poesia trovadoresca (jogo do amor) (23). Estamos porém, certas que, muitas vezes, se jogava xadrez, já que Vataça possuía pelo menos três tabuleiros de xa-drez (24). Jogo muito espalhado entre os nobres — aquele que, pela sua simbologia, melhor preenchia a sua função de exu-tório para o prazer da luta e da agressividade (25). Sendo um jogo de competição que exige previsão, experiência, habili-dade, valor, é um jogo difícil onde, desde a sua origem (26), figuram a virtude, a honra, a nobreza, a fama. Por isso, por-que não é um jogo de azar, porque é um jogo autêntico, de combinatórias, pertence, segundo Huizinga, mais que qual-quer outro, ao domínio da festa, do culto, do sagrado (27).

(21) Estão patentes neste inventário tachos, caldeiras, sertas, espetos, morteiros de pedra, ferros caldeirins, alguidares, etc.

(22) Georges Duby, *Histoire de la vie privée*, p. 73.

(23) António José Saraiva, *História da cultura em Portugal*, vol. I, Lisboa, 1950, pp. 128-132.

(24) Embora no inventário sejam referidos cinco tabuleiros, só três são mencionados «com seu trebelho» (peça de jogo de xadrez), não sabendo nós se os dois de «freixel», ali expressos, são ou não de xadrez.

(25) Norbert Elias, *La civilisation des moeurs*, p. 294. A com- provar a difusão do xadrez entre os estratos mais elevados da sociedade peninsular, está a obra de Afonso X, *Libros de Axedrez Dados y Tablas*, Arnaldo Steiger, Droz Zurich, 1941.

(26) Sobre a origem (histórica ou lendária) deste jogo, veja-se Antonino Pagliaro, *A vida do sinal. Ensaio sobre a língua e outros símbolos*. Lisboa, 1967, pp. 57-60. Veja-se também Robert Delort, *Le Moyen Age. Histoire illustrée de la vie quotidienne*, Paris, 1972, pp. 204, 206 e 207. Sobre a estrutura deste jogo, passível de algumas com-parações com outras estruturas, nomeadamente a da língua, veja-se Ferdinand Saussure, *Cours de linguistique générale*, Paris, 1975, pp. 43, 125-127, 153-154 e Giulio C. Lepschy, *La linguistique structurale*, Paris, 1968, pp. 47-48.

(27) J. Huizinga, *Homo ludens*, pp. 22-29, 82.

Para esta elite, o estudo do jogo sobre o tabuleiro levava à reflexão sobre a própria sociedade, realizando-se no tabuleiro a perfeição que no mundo se não podia alcançar. No próprio jogo buscavam o equilíbrio perdido ou a passagem a um outro equilíbrio.

Aos jogos de mãos com espadas se vão substituindo assim outros jogos, todos eles simulacros de batalhas ⁽²⁸⁾, todos eles jogos com imagens, todos eles representação do mundo, determinados pelo ócio e pelo prazer de parecer.

É todo este espectáculo está concentrado na sala.

Isolada da sala ficava, porém, a câmara ou quarto, a divisão mais recatada de toda a casa. No espaço privado do quarto, o ser humano assumia-se com toda a sua interioridade ⁽²⁹⁾.

Se de casal se tratava, aí se cumpria a função de reprodução, condição da linhagem. O quarto de Vataça foi conjugal durante alguns anos, mas ao que parece nunca no seu interior acolheu o espectáculo da maternidade. Depois de viúva esse compartimento representou o lugar de conforto íntimo, de descanso e privacidade da sua dona. Nele, ou em anexo contíguo, cuidaria Vataça do seu corpo ⁽³⁰⁾ e se embelezaria com as suas vestes e jóias. Nele, rodeada das suas aias e donzelas, se dedicaria aos finos trabalhos de mãos ⁽³¹⁾ ou às devotas ou distrativas leituras. Junto dele, em capela privada, se entregaria a nossa dama ao culto e à oração.

O quarto, lugar de repouso e intimismo, identificava-se, antes de mais, pela cama ⁽³²⁾. Se sobre o leito de D. Vataça (como peça de mobiliário propriamente dito) nada sabemos, a não ser a referência ao seu céu com figuras de Tróia ⁽³³⁾,

(28) Georges Duby, *Guillaume le Maréchal ou le meilleur chevalier du monde*, Paris, 1984, pp. 111-114.

(29) Georges Duby, *Histoire de la vie privée*, pp. 74-75, 88.

(30) A julgar pela «bacia de cabessa» a que se alude no inventário.

(31) ^{por que} não saído das suas mãos, ou das de suas donzelas, o frontal de pano de linho lavrado (bordado) que estava por acabar («frontal de pano de linho lavrado que he pera acabar»? Vid. Georges Duby, *Histoire de la vie privée*, p. 90.

(32) Georges Duby, *Histoire de la vie privée*, p. 72.

(33) ^{por} cama podia entender-se não apenas o móvel mas também, e sobretudo, o conjunto dos têxteis que a apetrechavam. Este inventário prova-o bem já pela doação da sua cama que faz à Sé, já porque esses têxteis se misturam com todos os outros objectes de luxo, sejam as jóias ou a baixela de ouro e prata. Cf. Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa...*, p. 77. A referência ao aludido dossel, bem como às cortinas que, decerto, envolviam e isolavam o seu leito, faz-nos crer, no entanto, que tivesse mesmo uma cama, um móvel propriamente dito.

profuso é no entanto o vocabulário que distingue as múltiplas componentes do seu equipamento. A sua própria cama compunha-se de 4 almadaques (3 de frouxel e 1 de lâ), 2 lençóis, 2 colchas, 1 cabeçal lavrado e 4 faceiros, que ela deixou na íntegra à Sé. Várias outras, contudo, devia possuir em sua casa, como do seu inventário se depreende ⁽³⁴⁾ — a suas damas e servas se poderiam destinar, podendo ter funções dúplices: de noite, colocadas sobre um estrado, cobertas com lençóis, cobertores, colchas e apetrechadas com travesseiros e almofadas de penugem serviriam de leitos; durante o dia, encostadas à parede, tapadas com uma cobertura axadrezada, o mesmo conjunto transformar-se-ia em confortável assento ⁽³⁵⁾. Forçoso é ainda não esquecer que, mercê das suas várias deslocções, era obrigada a ter várias camas que, metidas em grandes malas (almafreixes), lhe permitiam um certo repouso, onde quer que pernoitasse.

Mas no quarto se guardavam também os bens que referimos como pessoais ⁽³⁶⁾. Muitos deles eram preciosos e aí, fechados cuidadosamente em arcas, se encontravam seguros e protegidos. E, porque de uso individual, assim se conservavam perto dos seus donos.

Mas, a partir do quarto, acompanhando a sua possuidora, podiam circular noutros espaços, cumprir outras funções. Assim era o vestuário e jóias ou pedras preciosas.

Se o vestuário nasce com a finalidade básica de defender o homem do calor ou do frio, em certas camadas sociais esse objective* cada vez menos se define como primordial ⁽³⁷⁾. Impõe-se a função social, de ostentação, de riqueza e poder, distinguindo grupos sociais e sexos ⁽³⁸⁾. A sumptuosidade sobrepõe-se à comodidade. O homem social, homem vestido, distingue-se pelo traje e ornamentos. Assim a nossa dama

⁽³⁴⁾ A comprová-lo estão os numerosos almadaques, cócedras, chumaços (podendo todos ser entendidos no sentido de colchão), cobertores, alfambares, almucelas, mantas, colchas bem como cabeçais, travesseiros, faceiros, almofadas, presentes neste inventário. Cf. Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa*...., pp. 78-79.

⁽³⁵⁾ Aly Mezahéri, *A vida quotidiana dos muçulmanos na Idade Média, (séc. X - séc. XIII)*, Lisboa, s.d., pp. 87-88; José Guerrero Lóvillo, *Las cantigas. Estudio arqueológico de sus miniaturas*, Madrid, 1949, p. 295.

⁽³⁶⁾ Duby, *Histoire de la vie privée*, pp. 72, 498.

⁽³⁷⁾ Robert Delort, *Le Moyen Age*...., pp. 36-37.

⁽³⁸⁾ Georges Duby, *ob. cit.*, pp. 560-566; A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa*, pp. 23-26 e «A Pragmática de 1340», in *Ensaio da História Medieval Portuguesa*, 2.^a ed., Lisboa, 1980, pp. 102-105.

percorreria as salas de um paço ou as ruas de uma cidade, afirmando o seu *status* através do vestuário e das joias.

O seu inventário pouco se refere, todavia, a peças de vestuário, que certamente foram distribuídas pelas suas donzelas e criadas — e de alguns casos temos provas ⁽³⁹⁾ — e as mais gastas, ou de menor qualidade, pelos pobres ⁽⁴⁰⁾. Como resíduos apenas se nomeiam uma falifa, um pelote, uma aljuba, dois mantos e acessórios de um outro, para além de uma cobertura de cabeça. A destacar neste conjunto a aljuba, uma túnica ampla com mangas, veste tipicamente muçulmana ⁽⁴¹⁾, e os mantos. Nestes se patenteava, de facto, o luxo de vestir, desde a riqueza do seu tecido até aos preciosos enfeites com fios de ouro e às suas belas peles ⁽⁴²⁾. Vataça possuía pelo menos um, bem comprido, de tecido de «biffa» e cor arroxeadada, e um outro, adornado com a pele mais apreciada, o arminho. Envoltos nesses longos mantos, que deixavam entrever a ponta do calçado, mas se prolongavam atrás em caudas, realçava toda a esbelteza e graça do seu talhe, anunciava e impunha a sua presença ao som de vestes arrasando.

Especial relevo teriam, porém, os ornamentos. Vataça não se desprende deles em vida, guarda-os ciosamente até ao seu último dia. São parte da sua existência, da sua memória,

⁽³⁹⁾ A monja de Almoester, Mor Vasques, recebeu um par de panos, um manto e um pelote (T.T. — *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp., m. 5, n. 269), Urraca Dias uma capa (Idem, m. 92, n. 4432) e o construtor do seu túmulo um manto (Idem, m. 88, n. 4200).

⁽⁴⁰⁾ Prática corrente entre a nobreza e por isso assumida pelo melhor cavaleiro do mundo (Georges Duby, *Guillaume le Maréchal...*, pp. 26-27).

⁽⁴¹⁾ Veja-se uma descrição e desenho desta peça de vestuário em José Guerrero Lovillo, *Las Cantigas. Estudio arqueológico de sus miniaturas*, pp. 185-186.

⁽⁴²⁾ Uma análise detalhada deste elemento do vestuário se encontra em José Guerrero Lovillo, *ob. cit.*, pp. 109-111; e referências em A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval...*, pp. 27-28. O valor do manto é elevado, chegando mesmo esta peça a ser trocada por casas (José Guerrero Lovillo, *ob. cit.*, p. 109). No caso de Vataça, a capa entregue a Urraca Dias equivale-se a 55 libras (T.T. — *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp., m. 92, n. 4432) e o manto dado a P.^o das Emanhas valeria 20 ou 25 libras, conforme a interpretação a dar ao passo do documento que a ele se refere (T.T. - *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp., m. 88, n. 4200). Sabendo que os dois pares de panos, que a pragmática de 1340 estipulava para um cavaleiro, orçariam em 100 libras (A. H. de Oliveira Marques, «A pragmática de 1340», p. 105) podemos bem avaliar a riqueza dos mantos de D. Vataça.

da sua linhagem. Sem dúvida jóias de família ⁽⁴³⁾, antigas, e por isso algumas deterioradas, que adornaram o seu corpo em vida e lhe transmitiram o brilho e o fascínio de antepassados ilustres, de eras de glória. E vemo-la resplandecer entre grinaldas, colares, cintas, anéis e braceletes de ouro e prata, onde cintilam as mais belas e ricas pedras preciosas.

Nos seus dedos, cinco anéis sublinharam lhe os gestos de suserana, dama ou devota. Neles reluziam a esmeralda, a pedra mais cotada em tempos medievos ⁽⁴⁴⁾, o rubi, o diamante e o jaspe, simultaneamente valores e símbolos ⁽⁴⁵⁾. Pedras, em si mesmas partes integrantes do elemento pesado, terra, mas porque preciosas, com a sua transparência e brilho, se transmutam no elemento mais ligeiro e puro, o fogo. No seu colo, brilharam colares de prata e ouro, as safiras e os rubis. A linha da sua cintura acentuou-se com a beleza de um «cadeado» coberto de aljófar e esmaltes ⁽⁴⁶⁾. Tão querido lhe era este adorno que, no seu primeiro testamento, o chega a legar à sua senhora D. Isabel, como aliás era uso entre reis e rainhas ⁽⁴⁷⁾. Os seus cabelos enfeitaram-se com uma grinalda de prata, mas nunca reinou sobre a sua cabeça a coroa que sua mãe lhe legara.

Estas e outras joias adornaram a nossa dama. Mas não menos nos seus desenhos, figuras e cores se identificaram

⁽⁴³⁾ Jóias que por vezes se têm mesmo de penhorar para fazer face a dificuldades, como o fez D. Constança, em Castela, com três coroas e um broche, que depois da sua morte a mãe, D. Isabel, conseguiu reaver (F. Felix Lopes, «Duas cartas inéditas da Rainha Santa Isabel sobre jóias empenhoradas», *Revista Portuguesa de História*, t. XIII, Coimbra, 1970, pp. 61-72).

⁽⁴⁴⁾ A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa*, p. 56.

⁽⁴⁵⁾ Sobre a simbologia destas pedras preciosas e suas cores, veja-se Robert Delort, ob. cit., pp. 88-89. E não esqueçamos que o próprio rei Afonso X escreveu um *Lapidário* que trata das propriedades das pedras preciosas, segundo o signo astrológico de que dependem (Afonso X, *Lapidário (Según el manuscrito escurialense H. I 15)*, introd. ed., notas e vocab. de Sagrario Rodríguez M. Montalvo, Madrid, 1981).

⁽⁴⁶⁾ O cinto, acessório do vestuário presente em várias civilizações da antiguidade, teve um êxito particularmente grande na Idade Média (Vid. José Guerrero Lovillo, ob. cit., pp. 107-109, A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval...*, pp. 47, 50, 55, 56).

⁽⁴⁷⁾ Assim no-lo deixa entrever, por exemplo, o testamento da rainha D. Beatriz, esposa de Afonso IV. Lega ao filho D. Pedro «a minha cinta, que me deu Dom Felipe meu Irmão» e ao neto D. Fernando «a minha cinta do ouro que me deu meu Avo» (Antonio Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa...*, t. I, Lisboa, 1739, pp. 343-355).

com ela, simbolizando toda uma vida. Nos seus cofres guardavam-se sete águias de aljófar e obras ornamentadas com dezasseis águias pequenas, dois escorpiões de nácar ornados de prata dourada e aljófar, um escaravelho de ouro. Ainda e sempre a influência das raízes orientais, no decurso de uma vida expatriada em reinos ocidentais. Mas também reflexos e transfigurações de sentimentos e paixões humanas, de carácter profano ou religioso ⁽⁴⁸⁾. Águias, símbolos do império, do poder supremo, do sol e do espírito; escorpiões, animais temidos e temíveis, símbolos de deuses egípcios, gregos ou romanos, imagem da antítese entre a criação e a destruição, a vida e a morte, a condenação e a redenção; escaravelho, personificação do ciclo solar, do dia e da noite, animal que renasce da sua própria decomposição, simbolizando assim, num ser aparentemente imperfeito, a imortalidade, a ressurreição ⁽⁴⁵⁾.

Enorme valor simbólico envolveria, igualmente, a sua coroa. Em si mesma marco de um reino perdido, presente de uma mãe sofrida que em Vataça, quem sabe, depositaria esperanças de regresso ao trono usurpado. Coroa com os seus 16 «membros», 16 rubis (na concepção, pois ao tempo do inventário faltava 1) e 64 grãos de aljófar. Números que nos apontam para 4 (4x4; 4x16), por sua vez combinação de 2x2 — dualidade da carne-espírito, da luz e da obscuridade —, ou de 3 + 1 — a perfeição da Trindade interrompida pela junção de uma unidade ⁽⁵⁰⁾. Quatro é pois o símbolo do mundo espacial, dos 4 pontos cardiais, das 4 estações, dos 4 membros e, simultaneamente, dos 4 evangelistas, das 4 virtudes.

Coroa, afirmação do poder, objecto caro à nossa dama, materialização de uma distinta linhagem imperial. Mas não sendo rainha, foi, porém, senhora. Em seu nome se expediram mandatos, se lavraram documentos, ordens e actos validados e executados sob a chancela da sua autoridade, atestada pelo

⁽⁴⁸⁾ Como bem afirma Robert Delort, ob. cit., p. 89, tocar ou trazer uma pedra ou um animal ou adornar-se com eles contém um significado.

⁽⁴⁹⁾ Entre os vários dicionários de símbolos, veja-se por exemplo, *Dictionnaire des symboles, mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*, sob a direcção de Jean Chevalier, ed. Robert Lafont, 1969, s. vv. «aigle», «scarabée», «scorpion»; *Diccionario de Simbolos*, de Jean-Eduardo Cirlot, Barcelona, 1969, s. vv. «aguila y serpiente», «escorpión».

⁽⁵⁰⁾ Sobre o significado dos números, veja-se Robert Delort, ob. cit., p. 87.

seu selo. Nele, a *potestas* figurada, como sempre, pela &im-biologia das águias bicéfalas, emblemática da linhagem mais nobre dos seus *maiores* ⁽⁵¹⁾. Selo de cera, cuja matriz era de prata, e que, para impedir abusos e falsificações, foi «britado», quando se apresentou no inventário. Nos assuntos privados e secretos a nossa dama preferiria, por certo, os seus dois selos de camafeu, encastoados em prata, ou talvez a pequena bola de selar, em ouro. Sempre nos seus actos escritos, de carácter mais pessoal ou de natureza jurídica, a afirmação do mando, da *auctoritas*, pela aposição de selo próprio. Selo que só os mais nobres, e em particular os que detinham poder, possuíam.

O pendor profano da personalidade de Vataça completava-se, talvez mais em contínua dialéctica de contrários que em síntese assumida, com a sua vocação religiosa. E a vivência da sua fé surge diante dos nossos olhos, representada em cruces, relicários, *agnus Dei*, amuletos, objectos de uma devoção pessoal e intimista, de cunho popular ⁽⁵²⁾. Traços que se contrapõem à religião oficial, da Igreja e do clero que a sua capela representava: aí as caldeiras de água benta, os cálices, o missal, os breviários, as vestimentas, os frontais e os panos para o culto religioso; junto a si imagens, objectos mediadores que materializam a fé e corporizam a religiosidade popular medievá, onde a esfera do sagrado se mistura com o profano ⁽⁵³⁾.

⁽⁵¹⁾ O seu selo é-nos assim descrito: «seelo de cera colgado em el qual seelo esta figura de una aguila com dos cabeças» (selo de um documento de 4 de Novembro de 1315, trasladado a 8 de Novembro e que conhecemos por publica-forma de 26 de Agosto de 1328 — TT — *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp., m. 90, n.º 4347). Aqui, como no seu túmulo, águias bicéfalas, elementos da emblemática dos Lascaris, símbolo de contrários, de vida e morte, que só o poder supremo, o imperial, encerra.

⁽⁵²⁾ Sobre o sentido da religião popular perscrutada em múltiplas fontes, veja-se Pierre Boglioni, «Pour l'étude de la religion populaire au Moyen Âge: le problème des sources», in *Foi populaire. Foi savant. Actes du V^e Colloque du Centre d'études d'histoire des religions populaires*, Paris, 1976, pp. 93-148; e do mesmo autor, numa tentativa de aclarar o conceito de «popular» aplicado à religião, «Elements d'un bilan», in *Les religions populaires. Colloque international 1970*, Québec, 1972, pp. 53-63. E remetem-nos exactamente para a mesma problemática os artigos de André Vauchez, «La piété populaire au Moyen Âge. État des travaux et position des problèmes» e «La spiritualité populaire au Moyen Âge d'après l'oeuvre d'E. Delaruelle», in *Religion et société dans l'Occident médiévale*, Torino, 1980, pp. 321-344.

⁽⁵³⁾ Johan Huizinga, *O declínio da Idade Média*, trad. port., Lisboa - Rio de Janeiro, s.d., pp. 157-158; Georges Duby, *Histoire de la vie privée*, p. 610.

Em toda a sua devoção é visível, mesmo palpável, a influência do franciscanismo ⁽⁵⁴⁾. A sua espiritualidade surge-nos como profundamente cristocêntrica e o culto da cruz sobreleva-se. Cruzes e crucifixos evocam a Paixão de Cristo. Através deles a adoração dirige-se a um Cristo sofredor, humano, que toca e está próximo do coração dos homens e não a um Cristo rei que se distancia pela sua intangibilidade e pelo seu poder sobre-humano sobre a morte ^(55 *). E porque o espírito medievo é muito mais sensível do que racional, muito mais objectivo e concreto que místico, uma das suas cruzes tem ainda encaestado um dente, que mais evocaria o pendor humano da imagem. Será essa cruz de ouro, possivelmente a mais querida, que Vataça oferece a D. Isabel no testamento. A par de cruzes, ainda a figuração de Cristo como Cordeiro de Deus, imolado em remissão dos pecados dos homens, presente em 11 *agnus Dei*, alguns de ouro e prata e todos enfeitados com pedras preciosas. Ao humanizar o amor de Deus, espiritualizando o amor dos homens, o franciscano conseguiu afinal atingir o cerne da doutrina cristã — amar Deus, através dos homens.

Não menor apego teria a nossa dama pelos santos, intercessores privilegiados entre o indivíduo e a divindade. Apego todo ele enformado por uma concepção material dos santos, traduzida na veneração de imagens e relíquias, e de carácter muito pessoal. As preferências individuais exprimem-se nesses objectos, definindo um sentimento religioso muito pessoalizado e íntimo.

Vataça contemplaria piedosamente as imagens de S. João, reproduzidas em pergaminho, ou deleitar-se-ia, meditando so-

⁽⁵⁴⁾ Lembremo-nos que chegou a pretender sepultar-se no convento de S. Francisco de Coimbra (o seu marido repousava no de Santarém) e contemplou largamente, no seu testamento, vários mosteiros franciscanos. (Vid. Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, *Vataça - uma dona na vida e na morte*, pp. 25, 32). Esta devoção estava, aliás, muito difundida na corte. D. Beatriz, no seu testamento de 1358, pede para ser enterrada sob o hábito franciscano porque, como afirma, tem «gram devaçom no glorioso S. Francisco» (António Caetano de Sousa, *Provas...*, t. I, p. 345).

⁽⁵⁵⁾ vid. Étienne Delaruelle, «Saint François d'Assise et la piété populaire», in *La piété populaire au Moyen Âge*, Torino, 1980, p. 270; Jean Chélini, *Histoire religieuse de l'Occident médiéval*, Paris, 1968, pp. 317-318.

bre a figuração das suas pinturas religiosas em madeira ⁽⁵⁶⁾. Veneraria, no entanto, muito em particular, as suas relíquias.

Os relicários eram, aliás, vulgaríssimos na Idade Média, usando-se até muitas vezes como adornos, e objectos altamente apreciados que se legavam por isso em testamento ⁽⁵⁷⁾. Vataça possuía pelo menos quatro, confeccionados em cristal, ouro e prata e alguns adornados com pedras preciosas. Peças de arte em si mesmas, os relicários eram porém ciosamente guardados e venerados pelo seu conteúdo, as relíquias, essa presença visível, palpável do santo da devoção do crente. Infelizmente, apenas num deles surgem especificadas as respectivas relíquias — de S. Brás e sangue de S. Francisco. Tinha assim presente, junto a si, o santo da sua grande devoção — Francisco —, materializado pelo sangue que teria jorrado dos seus estigmas e o irmanaram com o sofrimento e a paixão de Cristo ⁽⁵⁸⁾. É a evocação do *miles Christi* que presta ao seu senhor o *servitium* que lhe é devido, na aventura heroica da imitação da vida de Cristo até à Cruz ⁽⁵⁹⁾. Vataça, servidora de reis e rainhas, mas igualmente servidora de Cristo, identifica-se nesta devoção com ressonâncias de epopeia. Paralelamente apega-se a S. Brás, mártir que foi bispo de uma diocese na Arménia e integra o conjunto dos Catorze Santos Auxiliares. A veneração destes santos, difundida no século XIV e muito popular, envolve uma concepção religiosa quase má-

⁽⁵⁶⁾ No seu testamento deixa de facto à freirã de Celas, Constança Afonso, umas tábuas pintadas «que som tres en huum» e a Frei Antonio do Porto, franciscano, duas tábuas de madeira, estas isoladas. Sendo os destinatários gente da Igreja julgamos tratar-se de pinturas religiosas.

⁽⁵⁷⁾ A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval...*, p. 57, diz que se usavam pendentos do pescoço por fios e cadeias, armados à maneira de firmas ou como pequenas alfaias domésticas. De facto a rainha D. Isabel deixa, no seu testamento de 1327, à infanta D. Maria sua neta «as relíquias que andavam na coroa de ouro, so o jaspe» e outras que se encontravam na cadeia de ouro. Os juramentos sobre as relíquias dos santos eram os mais solenes. Mas, como é evidente, o gosto pelas relíquias deu origem a um rendoso, e nem sempre honesto, tráfico (Suzanne Comte, *La vie en France au Moyen Age*, Editions Minerva, 1978-1981, p. 135).

⁽⁵⁸⁾ Quanto à estigmatizado de S. Francisco, cara às massas que aspiravam por uma religião mais humana e um Deus mais próximo, mas que gera uma querela teológica entre o clero, consulte-se André Vauchez, «Les stigmates de Saint François et leurs détracteurs dans les derniers siècles du Moyen Age», in *Religion et société dans l'Occident médiéval*. Torino, 1980, pp. 139-169.

⁽⁵⁹⁾ Vid. Etienne Delaruelle. «L'influence de Saint François d'Assise sur la piété populaire», in *La piété populaire au Moyen Age*. p. 231.

gica — ora-se e obtém-se ⁽⁶⁰⁾. Figurados com atributos sensacionais, tinham mesmo funções específicas — S. Brás, que se representava num fosso com animais ferozes, curava os males de garganta. O culto de tais santos obliterava o seu papel de intercessores, para os transformar quase em delegados do poder divino ⁽⁶¹⁾. E nesta ligação directa do crente com o santo — fonte da cura, mas também, por degenerescência, do mal ⁽⁶²⁾ — o papel da sua imagem tomava-se fundamental. Era fácil, neste clima, passar-se da ética cristã à magia pagã. Mas não estava o cristianismo medieval ainda muito eivado de paganismo? ⁽⁶³⁾.

Reis e rainhas — e que dizer do povo, menos culto e mais crédulo — cultivavam as práticas mágicas, a superstição. Muito em particular as mulheres, mesmo as mais santas e prestigiadas. A Rainha Santa Mafalda tinha um espelho a que se atribuía o poder de curar a paralisia ⁽⁶⁴⁾ e a Rainha Santa Isabel, numa credice popular, mandava «poer» uma santa especial às noivas que saíam da sua casa, determinando no seu testamento que a abadessa das clarissas a continuasse a emprestar depois da sua morte ⁽⁶⁵⁾. Vataça não fugia à regra. Possuía um dinheiro de ouro, do tamanho de um florim, ciosamente protegido por uma caixa de prata e um invólucro de couro, com a faculdade de curar a lepra — mal temível na Idade Média, de que todos se tinham de defender, e que inspirava os mais elevados sentimentos caritativos, desde logo pela fundação de gafarias, mas não menos a repulsa e o

⁽⁶⁰⁾ Johan Huizinga, *O declínio da Idade Média*, pp. 176-177.

⁽⁶¹⁾ Por isso a Igreja, depois do concílio de Trento, acabou com as funções especiais dos Catorze Santos Auxiliares.

⁽⁶²⁾ Esta relação entre os homens e os santos (de dádiva ou punição), nos refere Patrik J. Geary, em «La coercion des saints dans la pratique religieuse médiévale», in *La culture populaire au Moyen Age. Études présentées au Quatrième colloque de l'Institut d'études médiévales de l'Université de Montréal, 2-3 Avril, 1977*, Québec, 1979, pp. 147-161.

⁽⁶³⁾ Sobre esta ambiência, veja-se A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval*, pp. 170-171; José Mattoso, *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal. 1096-1325*, vol. I — *Oposição*, Lisboa, 1985, pp. 390-391 e vol. II — *Composição*, pp. 48-49.

⁽⁶⁴⁾ Deixa ao seu irmão, o infante D. Pedro: «unum speculum optimum, et habet virtutem contra paralism» (Antonio Caetano de Sousa, *Provas...*, t. I, p. 42).

⁽⁶⁵⁾ Assim determinava: «a Sancta que eu mandava poer às noivas que casavao de minha casa, que a Abadesa as empreste a aquellas que casarem, e que lhas tornem depois» (*Ibidem*, pp. 119-120).

terror ⁽⁶⁶⁾. Desconhecendo-se o remédio para a doença, proliferavam os ritos mágicos e os amuletos como salvação extraordinária.

A devoção de Vataça é-nos ainda testemunhada pelos livros que detinha. Mas neste particular há que atentar no conjunto das obras. Impressiona, de facto, a livraria desta dama com mais de 15 exemplares ⁽⁶⁷⁾. Sem dúvida culta, dedicaria por certo algumas horas do seu dia à leitura, a sós ou partilhada com as suas donzelas. Saberia ler ou deixaria esse encargo aos seus clérigos? ⁽⁶⁸⁾. Se o fizesse por si, dominaria porventura o latim, o grego e o castelhano em que nos surgem escritas as obras? Perguntas sem resposta.

Recebera sem dúvida uma educação letrada, colhida talvez na corte de Aragão onde cresceu ⁽⁶⁹⁾, mas a que não se

⁽⁶⁶⁾ Uma imagem do leproso, marginal repudiado ou encerrado nas gafarias, nos oferece José Mattoso, no estudo «Sociedade cristã e marginalidade na Idade Média. A gafaria da Senhora do Monte», in *Portugal medieval. Novas interpretações*, Lisboa, 1985, pp. 123-133.

⁽⁶⁷⁾ De facto, se contarmos os «5 cadernos começo de Breviario» como uma obra, são 15 os exemplares citados no inventário (mas um era emprestado), para além de um caderno de pergaminho por escrever. Todavia, no testamento refere ainda 1 missal, 2 breviários (de 2 volumes cada um) e 3 saltérios, o que perfazeria 21 obras. Confronte-se com as bibliotecas de eclesiásticos conhecidas para o século XIV, onde apenas num caso temos cerca de três dezenas de livros e nos demais nunca atingem a dezena. Todavia, lembremo-nos, em 958, a condessa Mumadona legou ao mosteiro de Guimarães 20 obras, todas de índole eclesiástica (Vid. Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portuguesa*, t. I, 1289 a 1555, Lisboa, 1892, pp. 48-54).

⁽⁶⁸⁾ Como bem se conhece, não saber ler não era sinónimo de incultura. O saber era transmitido oralmente e só no século XIII se começa a fixar por escrito a literatura de corte (A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval...*, pp. 174-179; António José Saraiva, *A cultura em Portugal. Teoria e História*, liv. II, *Primeira Época: A Formação*, Lisboa, 1984, p. 39; José Mattoso, *Identificação de um país...*, vol. II, pp. 60-63). Note-se que segundo o livro da *Vida de D. Isabel*, embora a rainha tivesse um corpo de capelães (tal como Vataça tinha os seus), «ela lia mui bem em latim e lingoagem» (Sebastião Antunes Rodrigues, I. 7.º *Centenário do Casamento de D. Dinis com a Princesa de Aragão D. Isabel*. II. *A Cultura da Rainha Santa*, Coimbra, 1982, pp. 33-34).

⁽⁶⁹⁾ Uma panorâmica geral da cultura literária e artística dos reinos peninsulares, se colhe em José Angel García de Cortázar, *La evoca medieval*, vol. II de *Historia de España Alfaguara*, 7.ª ed., Madrid, 1980, pp. 358-374; especificamente sobre a cultura catalã-aragonesa, consulte-se Julio Valdeón, José M.ª Salrach, Javier Zabalo, *Feudalismo y consolidación de los pueblos hispánicos (siglos XI-XV)*, t. IV de *Historia de España*, dirig. por Manuel Tuñón de Lara, 3.ª ed., Barcelona, 1982, pp. 300-305; e ainda sobre o papel da corte na irradiação da cultura literária, *Historia de la literatura española*, planeada e coordenada por José María Diez Borque, t. I, *La Edad Media*, Madrid, 1980, pp. 79-83.

riam estranhas também as influências da avançada civilização oriental, onde mergulhava as suas raízes. Como aia de Isabel de Aragão, infanta instruída ⁽⁷⁰⁾, teria certamente partilhado com a sua senhora dos bens do espírito, que nunca deixaria de cultivar nas cortes peninsulares por onde circulou. E sempre, ao longo das vicissitudes da vida, soube guardar consigo, arrecadados em arcas e bem protegidos, os livros em que meditava e com que se enriquecia, livros quer de pendor profano, onde procurava os ensinamentos e encontrava os reflexos da sociedade laica em que vivia e agia, quer de cariz religioso em que buscava a vivificação da sua fé ⁽⁷¹⁾. Também eles eram um bem, similares a mantos de arminho, jóias e relíquias, um luxo que só os mais ricos podiam alcançar ⁽⁷²⁾. Por isso se legavam por morte, como presentes, ou circulavam por empréstimo dada a sua raridade ⁽⁷³⁾.

Alguns serviriam o culto oficial como o missal, saltérios (referidos no testamento) ⁽⁷⁴⁾ e breviários, enquanto outros poderiam ter esse fim ou a edificação da nossa dama ⁽⁷⁵⁾.

⁽⁷⁰⁾ Veja-se a análise de vários aspectos da cultura de D. Isabel em Sebastião Antunes Rodrigues, ob. cit., pp. 30-43. Outros autores mais antigos, situando-a ainda em Aragão, realçam sobretudo a piedade — rezava (mas refere Figanière de «breviário na mão») e jejuava —, à qual não seria por certo estranha a instrução (Frederico Francisco de la Figanière, *Memorias das rainhas de Portugal. D. Theresa — Santa Isabel*, Lisboa, 1859, p. 141; Francisco da Fonseca Benevides, *Rainhas de Portugal. Estudo Histórico*, t. I, Lisboa, 1878, p. 161).

⁽⁷¹⁾ É de lembrar que, infelizmente, o inventário é muito sucinto na descrição dos livros. E se alguns nos permitiram alguma hipótese de interpretação, muitos deles são inidentificáveis — assim um livro leonês, um livro de papel roto, um livro de papel «de pertinopes» (será a origem do papel?), um livro de papel escrito em castelhano, dois livros de letra grega.

⁽⁷²⁾ A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval...*, p. 181.

⁽⁷³⁾ D. Vataça deixa no seu testamento livros religiosos à rainha D. Isabel, a Leonor de Aragão e à freirã de Celas, Constança Afonso. Por sua vez sabemos que trazia emprestado da parte de D. Maria, mulher de D. Pedro de Castela, um livro de lenda de santos, escrito em castelhano, que manda devolver à sua dona.

⁽⁷⁴⁾ De facto no seu testamento ao instituir uma capela e ao dotá-la, refere-se a 1 missal e 2 breviários em 4 volumes (enquanto no inventário apenas alude a 5 cadernos, de letra redonda, que eram começo de Breviário). Também no testamento deixa à rainha D. Isabel um saltério francês de letra grande, a D. Leonor de Aragão um saltério com muitas figuras e à freirã de Celas, Constança Afonso, um saltério pequeno.

⁽⁷⁵⁾ Sobre os nomes e sentido das diversas obras religiosas, veja-se Isaiás da Rosa Pereira, «Dos livros e dos seus nomes. Bibliotecas litúrgicas medievais», *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, ano XVII, n.ºs 63-70, Jan-Dez. 1971-1973, Coimbra, 1974, pp. 97-131; Ave-

Assim a «leenda» de Confissões (manual com perguntas para o confessor, mas que poderia talvez servir para o crente preparar o seu acto de penitência) (76) e uma outra «leenda» em latim, possivelmente a *Legenda sanctorum*, que continha extractos das vidas e milagres dos santos (77). Literatura hagiográfica tão ao gosto popular, em que dos modelos famosos a imitar jorrava o alimento do espírito que saciava a sua fome de maravilhoso (78).

Destaque-se, porém, em particular, duas das suas obras religiosas — a «leenda» dos Apóstolos e um caderno «que se comesa d Adam ata a vida de Jhesu Christo».

Uma devota do franciscanismo tinha de possuir os *Actos dos Apóstolos*. A imitação de Cristo prolongava-se na dos Apóstolos, seus servos e discípulos. A vida apostólica toma-se pois um modelo universal. E tal como o Antigo Testamento tem como principal actor o Pai, e o Evangelho marca a presença de Cristo, os Actos dos Apóstolos fazem emergir o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, que Cristo deixa como guardião dos seus Discípulos (79). Desde então o culto do Espírito Santo atrai a piedade dos fiéis e, certamente, também de Vataça.

O outro livro, de *Génesis* (80), qual história da linhagem de Cristo a partir de Adão, evoca-nos toda a preocupação de fixar a memória própria da classe feudal. Porventura não seria mesmo uma introdução a uma crónica ou a um livro

lino de Jesus da Costa, *A biblioteca e o tesouro da Sé de Coimbra nos séculos XI a XVI*, Coimbra, 1983, pp. 12-16, 25-31.

(76) Ou seriam, porventura, as *Confissões* de Santo Agostinho? A biblioteca da Sé de Coimbra, segundo o inventário de 1393, possuía um «livro das *Confissões de Santo Agostinho*, galego» (Vid. Avelino de Jesus Costa, *ob. cit.*, pp. 24, 95).

(77) E era de facto uma lenda de santos (como se conhece pelo testamento) o livro de pergaminho escrito em castelhano que manda devolver a D. Maria, mulher de D. Pedro de Castela.

(78) Jean Chélini, *Histoire religieuse....*, pp. 318-319; e ainda sobre as obras hagiográficas espanholas, *História de la literatura española*, planeada e coordenada por José María Diez Rorque, t. I, pp. 403-409; e para o caso português, Mário Martins, *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*, sep. de *Revista Portuguesa de História*, t. V, Coimbra, 1951, pp. 124-154.

(79) Jean Chélini, *Histoire religieuse....* p. 318.

(80) No seu primeiro testamento D. Vataça legava-o à rainha D. Isabel, acrescentando que fora feito em Lisboa, não se aludindo porém a tal obra no último.

de linhagens ⁽⁸¹⁾ que, em grande parte, começam na criação do mundo e bebem no Antigo Testamento, bem como na Antiguidade Clássica, os arquétipos e a estrutura em que se fundam e com que se ilustram? Em qualquer dos casos é patente a busca das origens, o gosto pela fixação das linhas de parentesco, das linhagens, tão caras à sociedade cavaleiresca e cortesã ⁽⁸²⁾. E também ao gosto de Vataça que se orgulhava de uma ascendência imperial e sofreria por não ver restaurado o prestígio da sua distinta linhagem.

A dama devota interpenetra-se com a senhora: a senhora de amplos domínios territoriais e poderes jurisdicionais; a suserana que deve conhecer os seus direitos e obrigações. A justiça, símbolo de prestígio, elemento de poder, personificava a amplidão dos direitos senhoriais. Assim Vataça dispõe de um livro com a *Terceira Partida*, dedicada em grande parte à justiça, analisada sob os seus aspectos teóricos e concretizada, entre outros, nos títulos dos demandadores e demandados, juízes e advogados, juramentos e provas, testemunhas e inquiridores e que finaliza com um articulado sobre a posse e disposição de bens ⁽⁸³⁾. Como mulher culta que era, gostaria de saber como proceder, de conhecer os seus direitos,

⁽⁸¹⁾ Lembremos a existência do *Liber Regum* ou *Chronicon Villar ense*, escrita por um monge de Fitero entre 1194 e 1211, que começando em Adão atinge a sucessão dos reis de Israel e passa à genealogia dos reis de Castela, Navarra e França e tanta influência exerceu nas demais obras genealógicas peninsulares, desde logo o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (Luís Filipe Lindley Cintra, «O *Liber Regum* e outras fontes do Livro das Linhagens do Conde D. Pedro», *Boletim de Filologia*, t. XI, Lisboa, 1950, pp. 224-251). Também a *Primeira Crónica Geral* de Afonso X remonta a Moisés e a sua *História Geral* entronca na criação (A. D. Deyermond, *Historia de la literatura española*, 1, *La Edad Media*, trad. espanhola, 10.^a ed., Barcelona, 1984, pp. 158-160. Por sua vez o título I do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, começa: «Esta é a geeraçom d'Adam ataa Jesu Christo, como vem dereitamente de padre em filho» e termina: «aqui se acaba a geeraçom do linhagem de Jesu Christo des Adam acá» (*Portugaliae Monumenta Historica*, nova série, vol. II/I *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, ed. crítica por José Mattoso, Lisboa, 1980, p. 59).

⁽⁸²⁾ Este aspecto da cultura portuguesa foi já pormenorizadamente explorado em artigos de José Mattoso como «Os livros de linhagens portugueses e a literatura genealógica europeia da Idade Média» e «As fontes do Nobiliário do Conde D. Pedro», in *A nobreza medieval portuguesa. A família e o poder*, Lisboa, 1981, pp. 35-97 e «A literatura genealógica e a cultura da nobreza em Portugal (séculos XIII-XIV)» e «João Soares Coelho e a gesta de Egas Moniz», in *Portugal medieval...*, pp. 309-332, 409-434.

⁽⁸³⁾ Cf. *Terceira Partida* in Afonso X, *Las Siete Partidas*, t. 2.^o Madrid, 1807.

de se informar antes de agir, para com maior rectidão julgar, para clamar justiça quando lesada. E, como bem sabemos, muitas vezes Vataça se teve de envolver em pleitos judiciais para pugnar pelos seus direitos dominiais e senhoriais.

A leitura árida deste código, que definia o comportamento do homem como membro da sociedade, tinha um fim eminentemente prático, não de lazer. Esse repouso alcançava-o Vataça lendo ou ouvindo ler crónicas e poemas épicos, tão ao gosto da época. A crónica seria certamente alguma versão da *Estoria de España* ou *Primera Crónica general* de Afonso X ⁽⁸⁴⁾, em que se comprazeria com as façanhas ilustres dos antepassados dos reis a quem serviu; o poema era o *Cantar de Mio Cid* que narrava a gesta de Rodrigo (ou Rui) Diaz de Bivar, o mais célebre dos heróis peninsulares ⁽⁸⁵⁾. E, se a crónica descreve a história de Espanha na sucessão dos principais feitos dos monarcas e acontecimentos dos seus reinados, o poema do Cid pode encarar-se como uma história cantada, relativa à coexistência e enfrentamento das sociedades cristã e muçulmana. A epopeia castelhana está ainda próxima dos acontecimentos e heróis tratados, dando-lhe um cunho muito próprio e realista ⁽⁸⁶⁾. E se a épica tem como

⁽⁸⁴⁾ Será, sem dúvida, hipotética esta identificação e bastante problemática, quando sabemos que existiu um *Cantar de Fernando, o Magno* (anterior à *Primeira Crónica*), uma *Crónica particular de San Fernando* (continuação e ampliação da *Primeira Crónica*), e uma *Crónica de Fernando IV* (esta de redacção posterior à vida de Vataça). Inclinámo-nos para a identificação do pequeno livro «que se comesa senhor rey dom Ffernando» com uma parte da *Primeira Crónica Geral* de Afonso X, justamente porque um manuscrito da Biblioteca dos Reis de Espanha abre com uma tábuca: «Del Regnado del Rey don fernando el magno» e prolonga-se até ao reinado de S. Fernando (veja-se Ramón Menéndez Pidal, *Crónicas Generales de España*, 3.^a ed., Madrid, 1913, pp. 19-22). E na verdade, depois de 1289, há três redactores que partem do rascunho original da *Crónica*, que ia até ao capítulo final do reinado de Afonso VI, para a refundirem, abreviarem, ou aumentarem e um deles (o da *Variante Ampliada*) retoca a parte que ia de Fernando I a Afonso VI e continua o relato depois da morte deste rei (*Crónica Geral de Espanha de 1344*, ed. crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra, vol. I, Lisboa, 1951, pp. CCCXII-CCCXIII).

⁽⁸⁵⁾ Sobre a sua influência refere José Mattoso, «Cavaleiros andantes. A ficção e a realidade», in *A nobreza medieval portuguesa...*, p. 355, que «o principal alimento literário dos jovens cavaleiros portugueses eram as epopeias», em especial as castelhanas e destas em particular a de Cid, o Campeador.

⁽⁸⁶⁾ Assim o defende Ramón Menéndez Pidal, *La epopeya castellana a través de la literatura española*, Buenos Aires, 1945, pp. 34-40, ao confrontar as epopeias francesas e castelhana para, em seguida,

objective* a prossecução da honra através do risco, a estrutura do *Cantar*, todo ele imbuido de urna aguda consciência da realidade material, centra-se sobre a honra do herói, perdida e em seguida restaurada (87). É a transposição e fixação de valores de uma sociedade peninsular ainda em guerra, com o cenário da batalha em primeiro plano e a apologia do guerreiro em plena acção, para o código escrito, que os imortalizava e reproduzia. A mitogenia castelhana tem de facto raízes históricas e nela se busca a justificação da própria história (88).

Esta épica, esta literatura cortesã junta-se à festa, ao luxo, ao jogo, todos eles jogos que satisfazem o sistema de valores da cavalaria nesta sua busca de identidade adentro do mundo cortesão.

D. Fernando ou o Cid, Alexandre ou as figuras de Tróia, todos como que *exempla* dum passado mais recente ou mais antigo, uns e outros afirmam um tempo de história-testemunho (89) e de um imaginário que se atinge pela experiência auditiva ou visual. Todas as figuras históricas que se apresentam como argumentos neste tempo e espaço de persuasão, nesta festa de autodisciplina e dissimulação que é a vida cortesã. Exemplos peninsulares se conectam com exemplos da antiguidade greco-romana, numa perfeita interpenetração entre Vataça, dama de origem oriental, e o seu meio ambiente, dominado por uma antiguidade renascente no seu significado e na sua sensualidade (90). Interpenetração que nos impõe uma questão: as figuras de Alexandre e de Tróia que se encontram na sua tapeçaria e no seu céu de cama são heranças familiares ou são produto de um tempo em que Alexandre foi importante exemplo para a ideia da fama na Península (91) (como, já antes, em França) e em que as batalhas da guerra de Tróia se converteram em cenas de torneio que as damas

analisar no capítulo III da obra, e segundo este prisma, o poema de *Mio Cid*. Opinião que segue António José Saraiva na sua *História da Cultura em Portugal*, vol. I, Lisboa, 1950, pp. 142-148.

(87) A. D. Deyermond, *História de la literatura española*, 1, pp. 65, 87-88.

(88) *História de la literatura española*, planeada e coordenada por José María Diez Borque, t. I, p. 222.

(89) Cf. Jacques Le Goff, «Le temps de l'exemplum (XIII^e siècle)» in *L'imaginaire médiéval. Essais*, Paris, 1985, p. 101.

(90) Gustave Cohen, *ob. cit.*, p. 63.

(91) Maria Rosa Lida de Malkiel, *La idea de la fama en la Edad Media Castellana*, Madrid, 1983, pp. 167-197.

seguiam atentamente ⁽⁹²⁾ — de um tempo em que o prazer se desloca da esfera da acção para a da representação? ⁽⁹³⁾.

Vidas de santos, vidas de apóstolos, vidas de imperadores, reis e cavaleiros, a gesta do santo conjuga-se com a do herói, a exaltação religiosa e a exaltação profana conectam-se. O tempo do *exemplum* (religioso ou profano) alimenta-se do tempo da memória interior e alimenta-a por sua vez⁽⁹⁴⁾. Nesta vida de «reclusão», desde o mais externo ao mais interno, o tempo histórico do *exemplum* tende para um presente de conversão que deve preparar a entrada futura na eternidade feliz ⁽⁹⁵⁾: eternidade celeste e eternidade terrena. Interpenetrada de masculino e feminino, Vataça quer ser eternizada.

Vataça que viveu em diversas Cortes, se encontrou entre diferentes clientelas e dispôs ela própria de vassalos e criados, foi uma dama feudal. Mas não a dama esposa do suserano, amada pelos seus vassalos no prolongamento do amor pelo senhor. Antes a suserana que tem de conhecer a estratégia da guerra e das alianças, onde se ganham ou perdem os préstamos e o coração de reis e poderosos; a senhora que possui bens, direitos e jurisdições, enfim poderes sobre os homens dos seus senhorios. Partilha das ligações feudo-vassálicas da sociedade, imbuí-se do seu espírito cavaleiresco, participa das relações económicas senhoriais. Vive entre o tempo «fraco», «profano», do quotidiano em que acumula rendas e haveres, e o tempo «forte», «sagrado», da liberalidade e do gosto da vida tornada festa ⁽⁹⁶⁾. O fausto, o luxo, a glória, símbolos do excesso, da superabundância, libertam afinal o homem da sua condição de necessidade e, por consequência, de finitude.

Vataça rodeia-se de clientelas que sustenta. Vataça rodeia-se de conforto na sua casa e na sua pessoa. Entrega-se ao ócio. Joga xadrez, prefigurando no tabuleiro as tácticas do ataque e da defesa. Deleita-se com as histórias de valentes e destemidos guerreiros que ganham glória e fama no campo de batalha. Reza a Cristo e toca as relíquias dos santos. Per-

⁽⁹²⁾ Gustave Cohen, *ob. cit.*, p. 71.

⁽⁹³⁾ *Idem, ibidem*, pp. 113-114 (atente-se um certo desfazamento cronológico da Península em relação à França de então); Norbert Elias, *La dynamique de VOccident*, pp. 225-240.

⁽⁹⁴⁾ Jacques Le Goff, «Le temps de Fexemplum...», pp. 99-102.

⁽⁹⁵⁾ *Idem, ibidem*, p. 102.

⁽⁹⁶⁾ Georges-Hubert Radkowsky, *Les jeux du désir*, Paris, 1980, p. 234.

corre as salas exibindo peles e jóias. Reclina-se em confortáveis almofadas e quentes cobertores. Domina a casa e o senhorio.

Mulher complexa, multiforme, rica na acção e no espírito, com traços psicossociais de sinais contrários. Por um lado é a mulher, por certo despida de feminilidade aos olhos dos seus contemporâneos, a suserana, que assume, como vimos, os valores masculinos. Numa outra perspectiva, apresenta-se como elo de solidariedade feminina — recorda sempre sua mãe, a ascendência mais honrável; serve, desde menina, como aia, Isabel de Aragão e, posteriormente, a sua filha Constança e a sua neta Leonor; rodeia-se ela própria de donzelas e criadas, a quem manda agraciar, em primeiro lugar, no testamento. Mulher entre mulheres.

Mulher de coração dividido, onde jogam paixões e sentimentos opostos que se interpenetram ou digladiam. Serve e é servida. É amada e repudiada. Deleita-se com o luxo, entemece-se com o ideal franciscano. Debate-se em conflitos interiores de vida e de morte, de queda ou redenção, como se o escorpião encarnasse o seu próprio signo ⁽⁹⁷⁾. Nesta luta interior sairá vencedora a vida, assim é seu desejo. _

Vataça anseia pela imortalidade escatológica e terrestre.

À hora da morte, consciente de que a renúncia lhe permitia a conversão, a santidade, despoja-se de todos os seus bens e haveres. Através de dons a mosteiros, igrejas e clérigos e da instituição de uma capela com cinco capelães, assegura sufrágios (orações, missas, exéquias) susceptíveis de a resgatar do Purgatório ⁽⁹⁸⁾.

Paralelamente, quer que na terra fiquem ecos da sua memória, da sua nobre linhagem. Sem o saber os seus objectos mais ricos e significativos percorrem as cortes portuguesas ⁽⁹⁹⁾, a perpetuar o seu nome, a lembrar a sua exis-

⁽⁹⁷⁾ No seu testamento, enquanto refere de uma maneira muito geral os seus objectos, ela diz todavia «os meus escripões», parecendo querer individualizá-los, destacá-los, como algo de muito simbólico, quicá identificá-los consigo própria.

⁽⁹⁸⁾ Jacques Le Goff, «Le temps du Purgatoire (IIP-XIIP siècles)», in *L'imaginaire médiévale. Essais...*, Paris, 1985, pp. 94-95.

⁽⁹⁹⁾ Como já referimos no anterior trabalho, a sua coroa foi adquirida por D. Beatriz, esposa de D. Afonso IV (Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, *D. Vataça...*, p. 39). E esta mesma rainha dispunha ainda, como somos informadas pelo seu testamento, de urna «copa de prata dourada, que foi de D. Vacaça (sic)», a qual lega a sua neta, a infanta D. Beatriz (António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica...*, t. I, p. 346).

tência aos que deles fruem; ou enriquecem os tesouros das igrejas ⁽¹⁰⁰⁾.

Mas Vataça prepara mesmo a sua presença eterna entre os homens, testemunho da sua fama, da sua glória, da sua nobreza. Exige um «moymento» fúnebre, uma memória de si gravada em pedra, o elemento pesado que se assimila à terra, figurado com a emblemática dos seus *maiores*. Os olhos dos homens de hoje, como nós, colhem aí a imagem da linhagem, da vida, do querer dessa mulher.

A intemporalidade e segurança da escrita reforçará a perenidade da matéria. É agora o nosso espírito que se debruça sobre o seu nome gravado num obituário ou sobre cartas que mandou escrever ou de si falam.

Vataça cuidou da sua memória, fazendo-a remontar aos seus gloriosos antepassados imperiais, acreditando-a com a fama e luxo da sua vida, materializada nos seus bens. Vataça logrou atingir o seu ideal. E, quais cronistas ao seu serviço — por enlevo e sem esperar benesses da sua senhora — de novo pela escrita a recordamos e reproduzimos, prolongando-lhe, ainda uma vez mais, nesta cadeia sucessiva de lembranças, a memória.

⁽¹⁰⁰⁾ o inventário da Biblioteca e Tesouro da Sé de Coimbra, de 1393, refere um «Briviayro grego (e não galego) de Dona Bataça» (e quantos outros livros não poderia ter a referida biblioteca pertencentes a esta dona, ainda que não se especifiquem?) e ainda «huum pano que tem VI aguias d'ouro. E o canpo del he vermelho e tem flores cardeas e foy todo lavrado com agulha e foy de Dona Betaça», «outro pano velho, já remendado, que tem signaes, figuras d'aguias e flores e jaz sobre o sepulcro de Dona Betaça» (Avelino de Jesus da Costa, *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Coimbra...*, pp. 25, 96, 122). A destacar o facto do seu túmulo estar coberto por um pano, no qual, uma vez mais, se repete o motivo das águias.

BENS DE CASA

	Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos	
Objectos domésticos	ale anzi a	1		grandes	com amêndoas	
	alcofa	1				
	alguidares	4				
	almafreixes	7				
	altamía	1	madeira verga couro	grande	4 novos	
	arcas	9			1 sem sávana	
	arquetas	3			pequena	1 com sávana
						2 de verga encourada
						1 de madeira encourada com pregos miúdos
						1 de madeira chapada
bacias	2		1 grande	1 de madeira de pinho vazia		
				1 longa		
bacios	5	prata		1 cerrada com especiaria		
				1 de cipreste coberta de burel branco		
baú	1			1 de cipreste de ossos metidos com seu fundo vermelho		
				2 francesas aladas		
				1 de «sostifu» com latão		
				de mão		
				1 de cabeça		
				para água das mãos		
				1 de mesa		
				de lavar a cabeça		
				com prata		

BENS DE CASA

Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos
«birilhas» caldeiras	5 2	crystal	1 pequena 1 grande	1 é encastado em madeira 1 que está na cozinha
caldeirão cesto	1 1			com 9 vidros entre redomas e ourinas
copas	2	prata	1 com 3 marcos 7 onças e 1 com 3 marcos 7 onças e %	de prata dourada com sua sobrecopa que lhe deu El-Rei D. Afonso com armas d'El-Rei d' Aragão
cotrofe	1	crystal		encastado em prata e sobrelavrado com ouro
cutelos escudelas	2 15	prata	2 com 2 marcos e $\frac{1}{2}$ 7 com 13 marcos e 3 onças	de mesa de «reas» com suas bainhas
espetos ferros	2			uns ferros caldeirins
jarra	1	vidro		sem fundo
lareiro	1		pequeno	encastada em prata
«macaa»	1	âmbar prata		com suas balanças
marco	1			
martéis	4			
moral	1	coral		para comer as amoras
morteiros	2	pedra		
ourinas	7	vidro		

Objectos domésticos

BENS DE CASA

Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos
«peela» picheis	1 4	prata	1 com 2 marcos e 7 onças 1 com 4 marcos, 6 onças e $\frac{1}{2}$ 1 com 2 marcos e 7 onças 1 com 2 marcos, 6 onças e $\frac{1}{2}$	de água com sua cobertura «recoyto»
prateiros	2	prata	com 3 marcos, 3 onças e $\frac{1}{2}$	
redomas	?	vidro		vermelho
salseiras	2	jaspe		dobrada e picada de fora e de dentro
taça	1	prata	com 1 marco, 6 onças e $\frac{1}{2}$	eneourada vermelha
ucha	1	couro	pequena	
uchota	1	ferro	pequena	
tabuleiros	5	freixo		1 em dois pedaços, novo, com seu trebelho 2 de freixo pequenos 1 com seu trebelho 1 com seu trebelho à maneira de arca
tacho	1			

BENS DE CASA

Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos
alf ambares	2			1 de sobrecama 1 de azêmola
algodoninha	1			de cama
almadraques	10	lã, fustão e frouxel	pequenos grande	3 de lã 1 viado de lã 1 de lã 1 de fustão viado 3 de frouxel 1 de frouxel de pano branco
almocela	1		grande	viada de cama
«barcar»	1			velho
cabeçais	8	pena	grandes pequeno	6 de estrado, com pena 1 lavrado 1 lavrado
céu	1			de cama com figuras de Tróia
chumaços	2			viados de estrado
citara	1		pequena	branca de fustão
cócedras	3		grande	1 cheia de pena 2 axadrezadas cheias de pena
colchas	4		grande	1 boa, branca, nova 1 com citara
cortina	2			1 de Veneza 1 de tornassol viado
couros	4		grande pequeno	1 velho 1 novo 2 velhos de estrado
couros godemeéis	1 + ?			1 de faceiro uns novos de estrado
destalhos	13	lã e linho		1 bom índio 1 de bandas jalneas e vermelhas

BENS DE CASA

Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos
destalhos				2 de lã novos 2 de linho laca branco 2 novos bons de lã com alfres 1 com figura de Alexandre 1 velho
faceirós	5		grandes	2 de parede
fronhas	2		grandes	1 grande de frouxel
lençóis	4		grandes	2 de cabeçais sem pena
mantas	11		grande	2 novos
			grande	1 feita de Palênea
			grande	1 viada branca
			grandes	5 mouriscas boas
			pequena	1 mourisca
			grandes	3 de parede
mantéis	?			uns franceses
				uns de mesa franceses
panos	8	seda		7 de meia seda
panos de parede	7			1 de laca branco estreito
				2 «razales»
				2 «com veyros»
				3 de valor mourisco
pedaços de pano	2		pequenos	lavrados, de Génova, brancos que se assemelham a colchas
pena	1		grande	grisa de cobertor sem pano
tapetes	9		grande	1 com sinais d'El-Rei
				1 com sinais d'El-Rei com bandas pequenas
				3 velhos
				3 novos

BENS DE CASA

Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos
telas de andas	2			
toalhas	? + 9		pequenas grandes	2 de servir 7 novas em uma peça umas longas novas
BENS PESSOAIS				
águias aljôfar	7 5	verdugo e aljôfar prata dourada e pedras preciosas	grandes grandes	1 dos grãos, grande, encastado em prata dourada
anéis	5	prata, ouro e pedras preciosas		1 de prata com uma pedra cornilada
azeviche bracelete	1 1	pedra preciosa prata e pedras preciosas	grande	1 de ouro com pedra de diamante 1 de ouro com uma esmeralda e um rubi pequenos
cadeado	1	metal, esmalte e pedras preciosas		1 de prata com um jaspe 1 de pedra cornalina
colares	6	prata, ouro e pedras preciosas	³ / ₄ de onça	de prata de três dobretes com pedras e grãos de aljôfar «das cordas de folha», com aljôfar, esmaltes e «com seu sobrano»
				3 pedras de «colho» (2 rubis e 1 safira) num «ligairom», com 9 dobras 1 de ouro

BENS PESSOAIS

Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos
colares			2 <i>Va</i> de onça 1 onça menos «estrelim»	3 de prata 1 de que fica Maria Dinis responsável numa parte encastado em prata
coral	1	prata e pedra preciosa		
coroa	1	ouro e pedras preciosas		de 16 membros, com 15 rubis e 64 grãos de aljôfar
escaravelho	1	ouro	pequeno	
escorpiões	2	nácar, prata dourada e pedra preciosa		com asas e corpos e pés de nácar, guarnições de prata dourada e com grãos de aljôfar (em invólucros de couro)
grinalda	1	prata e pedras preciosas		de prata com 11 membros sem pedras, mas com aljôfar e vidros meados
jaspe	1	prata e pedra preciosa		encostado em prata
«obras»		pedras preciosas		com aljôfar, todas «vergadas» de 16 águias pequenas
ouro		ouro e pedras preciosas		umas onças de ouro com 2 safiras
prata	?	prata		dentro de um baú
sartas	?	pedras preciosas		umas de contas pequenas de azeviche e de âmbar umas de contas de azeviche, âmbar e corais

BENS PESSOAIS

	Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos
Livros de papel e pergaminho	livros	9	papel e pergaminho	pequeno	1 leonés 1 de papel da Terceira Partida 1 de papel roto 1 que se começa «senhor rey dom Fernando» 1 de papel «de pertinopes» 1 de papel escrito em castelhano 2 de letra grega 1 que fala de Cid 1 em cadernos por escrever
	pergaminho	1			
Peças de vestuário	aljuba	1	lã		de meia lã
	fálifa	1			
	mantos	2	pano e pele		1 de «biffa» com caudal cardeo 1 de «rosete» com pele branca que se assemelha a arminho com çanudos e aljôfar
	oral	1	pano e pedras preciosas		
	«pelom»	1			
	«pena»	1			de manto de «cordeyras»
Selos	bola de selar	1	ouro	pequena delgada	
	camafeus	2	prata		
	selo	1	prata	2 onças e $\frac{1}{2}$	encastoados em prata de selar foi «britado»

BENS RELIGIOSOS

	Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectes
Livros e imagens	cadernos	6	papel e pergaminho		1 que começa em Adão e termina na vida de Jesus Cristo
	figuras livros	2			5 de letra redonda, que são começo do Breviário de S. João sobre pergaminho
Objectos e panos	«agnus Dei»	11	madeira, prata, ouro e pedras preciosas	pequeno	1 da «leenda» dos Apóstolos
	caldeira	1	cristal e prata dourada		1 de «leenda» em latim
	caldeirão	1		pequeno	1 em pergaminho, escrito em castelhano, coberto de tábuas, para D. Maria, mulher que foi do infante D. Pedro de Castela
	crucifixo	1			1 de papel de «leenda» das Confissões
	cruzes	2	madeira, prata, ouro e pedras preciosas	23 dobras de ouro	

BENS RELIGIOSOS

Identificação	Número	Material	Valor/Peso/ Tamanho	Descrição de alguns objectos
cruzes	1	pano de linho		1 de madeira com quatro pedaços de cornelina encastoados em prata
frontal	1	ouro e prata		está por acabar
relicários	4	crystal, prata, ouro e pedras preciosas	pequeno	de ouro, do tamanho de um florim, dentro de uma caixa de prata, por sua vez revestida de couro, que tem «vertu de» para os gafos
				1 galota de ouro com relíquias de S. Brás e sangue de S. Francisco
				1 de cristal encastoadado em prata e corn urna parte de ouro
				1 de ouro com relíquias e que tem mima parte um camafeu e na outra safiras e pedras em redor
				1 de cristal

Objectos e panos

Os Bens de Varança

1336, Abril, 25 — Inventário dos bens de D. Vataça *

T.T. *Sé de Coimbra*, 2.^a incorp., m. 92, n.º 4441. Publ.: Belarmina Ribeiro, *Para a história da luminária em Portugal*, dissertação dactilografada, Lisboa, 1955.

(...) E logo Maria Denis amostrou hua coroa d ouro de dez e sex membros e huum membro nom ha pedra e cada huum dos outros membros senhas pedras de rubi que son per todo quinze robiis e sa-seenta e quatro grãaos d aljoufar. Item hua braco de prata de tres dobretes com pedras e grãaos d aljoufar. Item tres pedras de colho que meterom em huum ligairom que tem nove dobras que dizem e tragem douos robijs e hua safira. Item hua galeta douro e com religas de Sam Bras e com o sangue de Sam Francisco. Item hua cruz em que anda huum dente em que ha viinte e tres dobras d ouro que dona Vetaça manda a raya dona Issabel em seu testamento: Item huum relicairo de cristal encastuado em prata abelado douro. Item huum relicairo pequeno douro com religas e da outra parte tem camafeu e da outra tem safira com pedras d redor. Item huum anos-dey com huum coral encastuado em prata e hua pedra de corisces (?) 0) encastuada em prata. Item dous camafeus encastoados em prata de seelar. Item huum jaspe encastuado em prata. Item huum anel de prata com hua pedra cornilada. Item huas sartas de contas pequenas d alambar e d azeveches e huum escarvam d ouro pequeno. Item huas sartas de contas d azeveche e d alambar e de coraes. Item cjnquo birilhas (?) de cristal e hua he encastuada em madeyro. Item sete agias grandes de verdugo e todas d aljoufar. Item nove agnosdey de verdugo com aljoufar. Item duas figuras de sam Jhoane sober purgamio e obras com aljoufar scilicet todas vergadas de dez e sex

* Este documento, como referimos, encontra-se publicado no trabalho de Belarmina Ribeiro apresentado como dissertação de estágio para Conservadora dos Museus, Monumentos e Palácios Nacionais, trabalho que conhecemos graças à amabilidade das D.^{mas} Maria José Leote e Maria José Mexia e da própria autora, a quem penhoradamente agradecemos. Decidimos republicá-lo, uma vez que o estudo em questão é pouco conhecido e a fonte, assim o julgamos, da maior riqueza. Acresce ainda que o documento original se encontra deterioradíssimo, praticamente ilegível nos dias de hoje.

Seguimos assim, basicamente a transcrição de Belarmina Ribeiro, ainda que se tivessem introduzido algumas modificações, até para haver uma maior uniformidade que, por vezes, não se fazia sentir (adoptámos maiúsculas e minúsculas segundo os critérios actuais; a nasalção transformou-se em *m* ou *n* consoante os casos, mas manteve-se o til em *hua* e quando tinha o valor de *nh*; o *u* com valor de consoante passou ave igualmente o *i* com valor de consoante se atribuiu por *j*). Note-se que a autora não publica o início nem o final do documento que, à parte a data (que confirmámos), não tem importância de maior para o inventário que analisamos, indicando apenas as personagens presentes ao mesmo e os testemunhas do documento.

Tivemos, porém, o cuidado de confrontar esse texto com uma leitura assaz difícil que fizemos do documento, utilizando raios ultra-violetas. Todavia, mesmo recorrendo a tal método, muitas palavras se apresentam sob leitura duvidosa, o que assinalamos com uma interrogação. É certo que podemos corrigir a leitura de um ou outro termo, se bem que, e devemos dizê-lo, a transcrição se apresente, no geral, muito correcta. Quando se nos afiguram outras leituras possíveis, ou sugerimos qualquer interpretação, dizemo-lo em nota.

(1) Outra possível leitura: *carisces*.

agias pequenas. Item hum encaneado das cordas de folha e d aljoufar com esmaltes e com seu sobrano. Item hum oral com canudos e com aljoufar. Item tres colares de prata que pesam tres onças meas oytava e fica Maria Denis por hua colar que a de pessar hua onça meos estrelim. Item hua colar douro que pesou tres quartos (?) d onça. Item huas onças (?) douro com duas safiras. Item hum anel douro com pedra diamante. Item hum anel douro com duas pedras pequenas hua esmeralda e outra robii. Item hum afiosdey pequeno sobre d ouro com dous dobretes. Item hua huchota de ferro pequena. Item hua cruz de quatro pedaços de cornelinha encastoadada em prata e jaz em cruz de madeyra. Item hua girlanda de prata com onze membros com ssas cassas vasias em que andarom pedras e com aljoufar e vidros meados. Item hua arqueta de sostifu pregada com alatam. Item hum coral endastoadado em prata da hua parte. Item hua macaa d alambar encastoadada em prata. Item hum moral de coral pera comer as amoras. Item um dinheiro d ouro tamanho como hum florim e jaz em hua cazeta coberto de prata e dizem que esse dinheiro ha vertude pera os gaffos esto jaz coberto de coyro. Item hum jaspe encastoadado em prata e outro anel de pedra cornelinha. Item hua bola de seclar neouena delgada que deziam que era d ouro. Item cinco grãos d aljoufar grandes e hum deles e grande e encastoadado em prata dourada. Item hum tavoleyro com seu trebelho maneyra d arca. Item hum frontal de pano de linho lavrado que he pera acabar. Item hum azeveche grande. Item Maria Affonso deu e entregou hua copa de prata dourada com sa sobrecopa que lhy deu el rey dom Affonso dourada que pessa tres marcos e sete onças e quarta. Item hum pichei com sa cobertoyra em que pessa quatro marcos e sete onças meos quarta. Item hum pichei de prata da agua que pessa dous marcos e tres onças. Item otro pichei de prata recoyto que pessou dous marcos e sex onças e quarta de prata. Item duas escudelhas de prata que pessam dous marcos e meo. Item hum bacio de lavar a cabeça e pessou cinauo marcos e meo. Item hum seelo de prata que britarom perante mim que era de dona Vetaça que pessou duas onças e mea. Item hua (2) caldeyra de cristal com pee e com arco de prata dourado e mando a dar a reya dona Issabel dona Vetaça em testamento. Item dous escrepoeos com aas e com corpos de naaue e seus pees e seu granimento de prata dourado com grão d aljoufar e senhas casas de couro. Item duas salsias de jaspe vermelho. Item hum cotrofe de cristal encastoadado em prata e sobre lavrado com ouro. Item hum relicayro de cristal. Item hua gara de vidro. Item quatro martees. Item dous cuytelhos de messas de reas com sas bayas. Item hua pena grissa de cobertor sem pano. Item hum coyro gomedisil de faceyroo. Item Sexta feira convém a saber vinte sex de Abril da dita Era entregou e deu quatro almadraques tres de frouxel e hum de lã os quaes almadraques dona Vetaça mandou ao cabidoo da See e duas colchas e hum cabesal lavrado e quatro faceyroos e dous lençoes a qual cama logo toda foy entregue a Joham Gomez prevendeyro en nome do cabidoo. Item entregou a dita Maria Affonso tres tapezes novos. Item hum tapede grande com siinaes del rey. Item otro tapede grande com siinaes del rey com bandas pequenas. Item tres tapedes velhos e hua alcansia e estes tapedes todos fforom entregues a Roy Paes e Joham Dominguis clérigo com hum alma-

(2) Segue-se: *cal.*

feixe boõ e sao e havia de dar recado deles. Item receberam depois esse Roy Pais e Joham Dominguz hum tapede. Item hũa copa com armas del rey d'Aragam que pessou tres marcos e sete onças e oytava. Item hũa taça de prata dobrada e picada de fora e de dentro que pessa hum marco e sex onças e tres quartas. Item entregou Maria Affonso sex cabessaes grandes d estrado com pena e estes cabessaes receberam Roy Paes e Joham Dominguz. Item duas fronhas grandes de cabessaes grandes sem pena que logo receberam os sobreditos. Item dous panos de parede com veyros. Item dous panos razales (?) (3) de parede. Item cinco mantas mouriscas grandes boas. Item hũa manta mourisca pequena. Item duas mantas grandes de paredes. Item dous destalhos grandes de paredes. Item hũa manta grande feita de Palensa. Item hum destalho que deu Jhoana Fernandez a dona Vetaça. Item hum ceo de cama com figuras de Troha. Item hum destalho boo indeo. Item outro destalho de bandas jalneas e vermelhas. Item hum alfambar de sobre cama. Item hum coyro grande velho e outro pequeno novo. Item dous destalhos de lã novos. Item dous destalhos de linho de laca branco. Item dous destalhos novos de lã com alfres (?) (4) bõos. Item hum destalho com figura d Aleysander. Item hum destalho velho. Item hum barcar velho. Item hũa cortinha de Veneza. Item tres panos de parede de valor mourisco. Item dous couros velhos d estrado. Item hum alfambar d azemola. Item hũa manta grande de parede. Item hũa manta grande viada branca. Item hum almadrake viado de lã grande. Item outro almadrake de fustam viado. Item outro almadrake pequeno de lã. Item outro almadrake de frouxel de pano branco viado. Item hũa cozedra grande chea de pena. Item douas coçedras acedronchadas cheas de pena. Item hũa almocelha grande viada de cama. Item hum faceiroo grande de frouxel. Item hum almadrake pequeno de lã. Item hũa falifa e hum pelom. Item hũa pena de manto de cordeyras. Item hũa colcha grande e boa branca nova. Item outra colcha como cistara. Item quatro almafeixes grandes novos. Item duas telas (5) d andas. Item hum almafeixe grande sem savãa. Item outro com savãa. Item hum lareyro (6) sem fundo pequeno. Item hum caldeyrom. Item hũa caldeyra grande e hũa peela. Item hũa baeia grande de mãoo. Item outra bacia de cabessa. Item hum caldeyrom pequeno da agua beenta. Item hũa caldeyra pequena que se na cozia e hum thacho e dous espetos e huuns ferros caldeyriis. Item hum cabesal lavrado pequeno. Item hum tavoleyro em dous pedasos novo com seu trabelho. Item dous de frexel pequeno. Item couros godemicis novos d estrados. Item outro tavoleyro com seu trebelho. Item hum pano de laca branco estreyto e hũa arca de verga encourada. Item outra arca de verga encoyrada em que jaz outra arca d acipres d osos metidicos com sa fonda vermelha. Item hum marco (?) com sas balanças. Item hum caderno que se comesa d Adam ata a vida de Jhesu Christo. Item cinco cadernos de leter a redonda começo de Bri viario. Item pulgamio em cadernos por screver. Item outra arca de madeyra chapada em que jaz sete panos de meya seda. Item hũa cortinha de tronasol viado. Item hũa citara pequena branca de fuscã. Item duas toalhas

(3) Outras leituras possíveis: *rózales* e *rezales*.

(4) Ou: *alpor*.

(5) Ou: *celas*.

(6) Outras possíveis leituras: *laceyro* e *laieyro*.

Os Bens de Vataça

pequenas de servir. Item sete toalhas novas em hũa peça. Item hũas toalhas grandes longas novas. Item huuns mantees franceses. Item outros mantees de mesa franceses. Item dous pedaços de pano lavrados de Genoa pequenos brancos que semelavam colchas. Item outra arca de madeyro encoyrada e pregada de pregos miúdos em que jazem dous livros de letra grega. Item huum livro da leenda dos Apostolos. Item huum livro leones. Item huum livro de leenda per latim. Item huum livro de papel da Terceyra Partida. Item huum livro de papel roto. Item um livro pequeno que se comesa senhor rey dom Fernando. Item huum livro de papel de pertinopes. Item otro livro de papel escrito per castelhão. Item outro livro cuberto de tavoas scrito em pulgamio pela castelhão que manda dar aa infanta dona Maria mulher que foy do infante dom Pero. Item outra arca dacipris cuberta de burel branco em que jaz huum manto de biffa com caudal cardeo. Item hũa algodoninha de cama. Item outro manto de rosete (?) (?) com peaa branca que e ou semelha arminha. Item hũa al juba de meya lãa. Item dous lençoos grandes novos. Item huum crucifixo d Amalfi. Item huum livro de papel da leenda das Confições e outro que fala do Çide (?). Item outra arca pequena longa em que jaz hũa alcofa com amêndoas. Item outra arca de madeyro de pinho vazia. Item dous murteyros de pedra. Item duas arquetas francezas ladas. Item outra arca sarada com especiaria. Item hũa ucha pequena encoyrada vermelha. Item quatro alguidares mouriscos e hũa altamia. Item huum bagaoo (.) com prata. Item huum cesto com nove vidros entre arredomas e ourinas. Item Ynego Sanches deu e entregou da dita dona Vetaça sete escudelhas de prata que pesarom treze marcos e tres onças. Item huum pichei de prata de dous marcos e sete onças. Item dous parteyros de prata queu pesarom tres marcos e tres onças e meia. Item huum bacio de prata que pesou tres marcos e meio pera agua das maos. Item huum bacio de mesa que pesou cinco marcos e sete onças. Item deu Ynego Sanchez per mandado da dita Dona Vetaça a Roy Paaes e Joham Dominguíz dous bacios de prata e sex escudelhas que eles deitaram a penhor em Coimbra per mandado da dicta Dona Vetaça por duzentas libras e por dez dobras douro e assi fica o dito Ynego Sanchez quite da dita prata. E os ditos Roy Paaes e Joham Dominguíz ficaram pera dar recado dela.

(7) Ou: *rásete*.

GLOSSÁRIO *

- ACEDRONCHADA, adj. Axadrezada: «douas colchas acedronchadas cheas de pena».
- ACIPRES (<gr. *kyprarissos*), s.m. Cipreste, árvore de lenho odorífero: «outra arca d acipres d osos metidicos con sa fonda vermelha».
- ALAMBAR (âmbar <ár. *ânbar*), s.m. Ambar das contas: «hüas sartas de contas pequenas d alambar e d azeveches».
- ALATAM (latão <fr. *latón*), s.m. Metal de cor amarela: «hüa arqueta de sostifu pregada com alatam».
- ALCANSIA (alcanzia <ár. *al-kanz*), s.f. Cofre: «hüa alcansia».
- ALCOFA (<ár. *al-kuffa*), s.f. Cesto flexível: «outra arca pequena longa em que jaz hüa alcofa com amêndoas».

* Se não necessitámos de justificar este estudo do quotidiano (instrumento do político e de poder) desnecessário se torna justificar este glossário. A sua importância é inegável. Como diz Duby, para construir urna problemática eficaz é necessário partir das palavras, é imprescindível partir do vocabulário, isto é, do mais conhecido para o menos conhecido (*Histoire de la vie privée...*, p. 19). Para perscrutar o campo semântico do quotidiano o vocabulário é primordial, até para confrontar a terminologia de que nos servimos com a das sociedades que estudamos. Ele nos auxilia a reconstituir a sensibilidade medieval, colectiva ou individual, num determinado tempo e num determinado espaço.

A amplitude deste vocabulário, que expressa o quotidiano medieval, se nos pode demonstrar o valor, a riqueza dessa língua românica que se converteu em portuguesa, também, a partir dele, nos é possível verificar quais as heranças, as influências, quais os modelos imitados neste campo do quotidiano. Através deste glossário se visualiza imediatamente que neste particular, se a língua se enriqueceu com termos trasladados do latim e do francês, extraordinária é a influência do árabe, esse mundo contra que se lutou mas que tanto se admirou e imitou. A profusão dos vocábulos de origem árabe prova a superioridade dessa cultura e a sua assimilação por parte dos peninsulares, graças à vivência directa do seu mundo, dos seus costumes.

É óbvio que não indexámos neste glossário toda a gramática do quotidiano presente no inventário de Vataça, mas tão-só aquela que poderia oferecer algumas dificuldades de interpretação, por uma certa distanciação entre o termo actual e o termo medieval. Algumas dúvidas persistem resultantes, já da leitura do documento e que ficaram assinaladas em nota no inventário, já duma incapacidade para encontrar um correspondente vocábulo actual como acontece, por exemplo, com os termos: «sostifu», «pertenopes», «sobrano», etc.

Para a realização deste glossário utilizámos os seguintes dicionários ou glossários: J. Corominas, *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana* 4 vols., Madrid, 1954-1957; Charles Dufresne Du Cange, *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, 10 vols., Paris, 1883-1887; P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *Glosario etimológico de las palabras españolas (castellanas, catalanas, gallegas, mallorquinas, portuguesas, valencianas y bascongadas) de origen oriental (árabe, hebreo, malayo, persa y turco)*, Granada, 1886; Cândido de Figueiredo *Novo Dicionário da língua portuguesa*, 2 vols., Lisboa, 1913; Ramón Lorenzo, *La traducción gallega de La Crónica General y la Crónica de Castilla*, vol. 2.º, *Glossario*, 1977; José Pedro Machado, *Dicionário etimológico da língua portuguesa, com a mais antiga documentação escrita de muitos dos vocábulos estudados*, 3 vols., Lisboa, 1952-1959; *id.*, *Influência arábica no vocabulário português*, 2 vols., Lisboa, 1961; Noémia da Conceição Simas Mendes, *Palavras concretas de um inventário do séc. XIV*, Coimbra, 1961; António Morais Silva, *Grande Dicionário da língua portuguesa*, 10.ª ed., 11 vols., Lisboa, 1949-1958; Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário das palavras e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, edição crítica de Mario Fiúza, 2 vo.º. Barcelos, 1966.

- ALFAMBAR (alfâmbar <ár. *al-hanbal*), s.m. Cobertor de lã para pôr sobre a cama ou sobre as bestas: «huum alfambar de sobrecama»; «huum alfambar dazemola».
- ALFRES (<ár. *al-fras*), s.m. Galão, franja: «dous destalhos novos de lã com alf res novos».
- ALGODONINHA (<ár. *al-qutn*), s.f. Colcha de cama: «hũa algodoninha de cama».
- ALGUIDAR (<ár. *algidar*), s.m. Grande escudela: «item quatro alguidares mouriscos».
- ALJOUFAR (aljôfar <ár. *al-gawhar*), s.m. Pérolas, geralmente miúdas: «hũa coroa de dez e sex membros... e sassenta e quatro graaos d aljoufar», «sete agias grandes de verdugo e todas daljoufar», «obras com aljoufar», «cinquo graaos d aljoufar grandes».
- ALJUBA (<ár. *al-gubba*), s.f. Certa vestidura mourisca com meias mangas ou sem elas à semelhança de jaqueta ou colete: «hũa aljuba de meya lãa».
- ALMADRAQUE (<ár. *al-matrah*), s.m. Colchão ou almofada grande que serve de assento: «quatro almadraques tres de frouxel e huum de lãa», «huum almadraque viado de lãa grande», «outro almadraque de fustão viado».
- ALMAFEIXE (almafreixe <ár. *al-mafras*), s.m. Mala grande ou malletão em que se cos:umava levar cama nas jornadas: «quatro almafeixes grandes novos», «huum almafeixe grande sem savãa», «outro com savãa».
- ALMOCELHA (almoçala, almocela <ár. *al-muçalla*), s.f. Cobertor ou manta de cama: «hũa almocelha grande viada de cama».
- ALTAMIA (<ár. *al-taam*), s.f. Escudela ou pequeno alguidar vidrado à maneira de lava-mãos: «quatro alguidares mouriscos e hũa altamía».
- ANDAS (<lat. *amites*), s.f. plural. Espécie de leito portátil colocado sobre varais: «duas telas d andas».
- ANOSDEY (<lat. *Agnus Dei*), s.m. Figura que representa o Cordeiro Pascal: «huum anosdey com um coral encastoado em prata e hũa pedra de corisces encastoada em prata», «nove agnosdey de verdugo com aljoufar», «huum anosdey pequeno sobre d ouro com dous dobretes».
- ARREDOMA (redoma), s.f. Vaso de vidro de bojo largo e gargalo cilíndrico ou afunilado: «huum cesto com nove vidros entre arredomas e ourinas».
- AZEVECHE (azeviche <hisp. ár. *az-zabag*), s.m. Substância mineral muito negra e luzidia, leve e frágil, com que se fazem objectos de adorno: «huum azeveche grande», «Mas sartas de contas d azeveche».
- BACIA, BACIO (<lat. *baccinu* pelo catalão *baci*), s.f., s.m. Prato covo, grande e fundo, sendo as bacias de maior bojo e mais fundas: «hũa bacia grande de mão. Item outra bacia de cabessa». «huum bacio de mesa que pesou cinco marcos e sete onças».
- BAGAOO (<cat. *bagul*), s.m. Baú, caixa rectangular de folha ou madeira com tampa convexa: «huum bagao com prata».
- BARCAR (bacar <ár. *báqar*), s.m. Adarga ou outro objecto de pele de vaca: «huum barcar velho».
- BIFFA (bifa <fr. ant. *biffe*), s.f. Tecido antigo de lã (de Bruges e Molines): «huum manto de biffa com caudal cardeo».
- BIRILLA (<lat. *beryllus*), s.f. Bola de cristal: «cinquo birillas de cristal e Ma e encastoada em madeyro».

- BRACO (<lat. *brachium*), s.f. Bracelete: «hüa braco de prata de tres dobretes com pedra e graaos daljoufar».
- BRIVAIRO (breviário <lac. *breviarium*), s.m. Suma ou compendio de livros corais: «cinquo cadernos de letra redonda começo de brivairo».
- CABESSAL (cabeçal <his. lat. *capitia*), s.m. Almofada onde a cabeça repousa: «sex cabessaes grandes d estrado com pena. Item duas frônhas grandes de cabessaes grandes sem pena».
- CADERNO (<lat. *quaternu*), s.m. Trata-se de cadernos com o sentido de livros e de carácter religioso: «huum caderno que se comesa d Adam ata a vida de Jhesu Christo», «cinquo cadernos de letra redonda começo de brivairo».
- CALDEYRA, CALDEYROM (caldeira <lat. *caldaria*), si., s.m. 1. Recipiente para aquecer água: «hüa caldeyra grande»; 2. Vaso para água benta: «hüa caldeyra de cristal», «huum caldeyrom pequeno de agua beenta».
- CAMAFEU (<fr. *camafeu*), s.m. Pedra preciosa esculpida em relevo em anéis e outras jóias, sinetes, etc.: «dous camafeus encastoados em prata de seelar».
- CARDEO (<lat. *carduus*), adj. De cor arroxeadada: «huum manto de biffa com caudal cardeo».
- ÇEO (céuClat. *coelum*) DE CAMA, s.m. Dossel de cama: «huum çeo de cama com figuras de Troha».
- CHUMAÇO (<lat. *plumacium*), s.m. Colchão de penas: «dous chumaços viados d estrado».
- CISTARÁ, CITARA (citara <ár. *sitara*), s.f. Cortina: «outra colcha como cistara», «hüa citara pequena branca de fustam».
- COÇEDRA, COZEDRA (cócedra <lat. *culcita*), s.f. Colchão de penas, cobertor acolchoado: «hüa cozedra grande chea de pena», «dous coçedras acedronchadas cheas de pena».
- COLAR (<lat. *collare*), s.f. Ornato para o pescoço: «hüa colar douro», «tres collares de prata».
- COLHO (colo <lat. *collum*), s.m. Colo: «tres pedras de colho».
- COPA (copo <lat. *cuppa*), s.f. Taça de beber: «hüa copa de prata dourada com sa sobrecopa que lhy deu el rey dom Affonso...».
- CORNELINHA (cornalina <lat. *cornu*, por conducto do fr. *corneline*), s.f. Agata semi-transparente: «hüa cruz de quatro pedaços de cornelinha encastoadada em prata», «huum anel de prata com hüa pedra cornilada».
- CORTINHA, s.f. Cortina: «hüa cortinha de tronazol viado».
- COTROFE (<lat. *chytropus*), s.m. Vasilha para líquidos: «huum cotrofe de cristal encastoadado em prata e sobrelavrado com ouro».
- CUYTELHO (cutelo <lat. *cutellum*), s.m. Faca: «dous cuytelhos de messas com sas bayas».
- DESTALHO, s.m. Pano, tapete com que cobriam paredes ou assentos: «dous destalhos grandes de paredes», «huum destalho que deu Johana Fernandes a dona Vetaca», «outro destalho de bandas jalneas e vermelhas», «huum destalho com figura d Aleysander».
- ENCANEADO (encadeado <lat. *catenatu*), s.m. Cadeado para colocar sobre o vestuário: «huum encaneado de cordas de folha e d ajoufar».
- ESCARVAM (<lat. *scaraboeus*), s.m. Escaravelho: «huum escarvam douro pequeno».
- ESCREPÃO, ÊSCRIPÃO (<lat. *scorpio*), s.m. Escorpião: «dous escrepões com aas e com corpos de naque e seus pees e seu granimento de prata...».

- ESCUDELHA (escudela <lat. *scutella*), s.f. Vasilha larga e em figura de meia esfera que se emprega para servir a sopa: «sete escudelas de prata que pesarom treze marcos e tres onças».
- ESTRADO (<lat. *stratum*), s.m. Parte da sala elevada por cima do solo: «couros godemicis novos d estrado», «dous couros velhos d estrado», «dous chumaços viados d estrado», «sex cabesaes grandes d estrado com pena».
- FACEIROO (faceiro), s.m. Almofada pequena: «huum faceiroo grande de frouxel», «quatro faceyroos».
- FALIFA (alifafe <ár. *al-lihaf*), s.f. Peliça ou manto de peles finas: «hũa falifa».
- FREXEL, s.m. Freixo: «dous (tavoleyros) de frexel pequenos».
- FROIXEL, FROUXEL (<lat. *fluxus*, por conducto do cat. *fluxel*), s.m. Pluma ou pena miúda das aves com que se enchem colchões, cabeçais ou fronhas: «huum faceiroo grande de frouxel», «huum almadrake de frouxel de pano branco viado».
- FRONHA, s.f. Invólucro que reveste travesseiros ou almofadas: «duas fronhas grandes de cabesaes grandes sem pena».
- FRONTAL (<lat. *frons*, *frontis*), s.m. Pano que cobre a parte da frente de um altar: «huum frontal de pano de linho lavrado que he pera acabar».
- GARA, s.f. Talvez jarra: «hũa gara de vidro».
- GIRLANDA (grinalda), s.f. Cinta ou coroa com que se adorna a cabeça: «hũa girlanda de prata com onze membros com ssas cassas vasias em que andarom pedras e com aljoufar e vidros meados».
- GODEMICIL (<ár. *gadamesi*), s.m. Espécie de tapeçaria antiga de couros pintados e dourados: «couros godemicis novos d estrado», «huum coyro godemisil de faceyroo».
- HUCHOTA (<fr. *huche*), s.f. Espécie de arca: «hũa huchota de ferro pequena».
- JALNEA (<fr. ant. *jalne*, act. *jaune*), adj. Amarela: «outro destalho de bandas j alneas e vermelhas».
- LADA (alada), adj. Com asas: «duas arquetas francezas ladas».
- LAREYRO, s.m. Braseira: «huum lareyro sem fundo pequeno».
- MACAA (maça), s.f. Pilão ou pisadeiro de almofariz: «hũa macaa d alambar emcastoada em prata».
- MANTA (<lat. *mantum*), s.f. 1. Espécie de cobertor ou colcha de cama: «cinco mantas mouriscas grandes boas. Item hũa manta mourisca pequena». 2. Espécie de tapete de parede: «item duas mantas grandes de parede».
- MANTEL (<lat. *mantele*), s.m. Toalha: «huuns mantees franceses. Item outros mantees de mesa franceses».
- MARCO (<germ. *marka*), s.m. Peça de um conjunto que integra as balanças: «huum marco com sas balanças».
- MARTEL (<lat. *martellus* pelo fr. *martel*), s.m. Martelo, decerto de uso culinário: «quatro martees».
- MORAL (<lat. *mora*), s.m. Objecto para comer amoras: «huum moral pera comer amoras».
- MURTEYRO (morteiro <lat. *mortarium*), s.m. Almofariz de pedra ou madeira: «dous murteyros de pedra».
- NAQUE (nácar <ár. *naqar*), s.m. Madrepérola: «dous escripoes com aas e com corpos de naque.....».
- ORAL (<la.j. *orarium*), s.m. Talvez lenço: «huum oral com canudos e com aljoufar». (Esta peça é citada no segundo testamento da Rainha Santa: «manto o entoucado o oral e o veo»).

- OURINA (urina <lat. *urina*), si. Vaso de câmara ou de cama: «huum cesto com nove vidros entre arredomas e ourinas».
- PARTEYRO (prateiro), s.m. Prato grande que substitui a travessa: «dous parteyros de prata que pesarom tres marcos e tres onças e meia».
- PEAA, PENA (<lat. *pinna*), s.f. 1. Pele empregue como forro de abrigos: «hüa pena de manto de cordeyras», «outro manto de rosete com peaa branca que e ou semelha arminha». 2. Pena: «hüa pena grissa de cobertor sem pano», «duas fronhas grandes de cabbessaes grandes sem pena».
- PEELA (<de *patella*), s.f. Frigideira: «hüa peela».
- PELOM (pelote?), s.m. Vestidura antiga que se trazia por baixo da capa: «huum pelom».
- PICHEL (<lat. *picariu* pelo fr. *pichierj*), s.m. Copo de asa: «huum pichel de prata de dous marcos e sete onças», «huum pichel de prata da agua».
- PULGAMIO, PURGAMIO, s.m. Pergaminho: «duas figuras de Sam Johane sober purgando», «pulgamio por ser ever», «outro livro cuberto de tavoas serito en pulgamio pela castelhão».
- REA (<lat. *regula*), si. Relha, ponta de metal: «dous cuytelhos de messas de reas corn sas bayas».
- RELICAIRO, RELICAYRO (relicário <lat. *reliquia*), s.m. Recipiente para relíquias confeccionado de diversos materiais: «huum relicairo de cristal em prata abelado d ouro. Item huum relicairo pequeno douro com religas e da outra parte com camafeu e da outra tem safira com pedras daredor».
- RELIGA (<lat. *reliquia*), si. Reliquia: «huum relicairo pequeno d ouro com religas», «hüa galeta d ouro e com religas de Sam Bras.....».
- ROSETE (<lat. *roseus*), adj. De cor púrpura: «outro manto de rosete com peaa branca que e ou semelha arminho».
- SALSIA (<lat. *salsus*), s.f. O mesmo que salseira, vasilha em que se servem molhos à mesa e também o mesmo que saleiro aplicado a sal e outras especiarias: «duas salsias de jaspe vermelho».
- SARTA (<lat. *sarta*, participio de *serere*), si. Cordão de coisas enfiadas, fio: «hüas sertas de contas d azeveche e d alambar e de coraes».
- SAVÃA (sábana (<lat. *sabana*), si. Cobertor ou manta de cama: «huum almafeixe grande sem savãa», «outro com savãa».
- TA PEDE, TAPETE, TAPIZ (tapete <pers. *taph*), s.m. Tapete para cobrir estrados ou paredes: «tres tapezes novos. Item huum tapede grande com siinaes del rey. Item otro tapede grande com siinaes del rey com bandas pequenas.....».
- TAVOLEYRO (tabuleiro <lat. *tabula*), s.m. Tabuleiro de jogo: «huum tavoleyro em dous pedasos com seu trebelho», «huum tavoleyro com seu trebelho maneyra darca».
- TREBELHO, s.m. Peça de jogo de xadrez: «huum tavoleyro com seu trebelho maneira d arca».
- TRONASOL (tornasol, tornesol <talvez do it. *tornasole*), s.m. Tornesol dos tintureiros: «hüa cortinha de tronasol viado».
- UCHA (<lat. *hutica* pelo fr. *huche*), s.f. Caixa ou arca onde se guarda o pão ou outros gêneros alimentícios: «hüa ucha pequena encoyrada vermelha».
- VERDUGO (Chisp. ár. *virducum*), s.m. Vara flexível: «nove agnosdey de verdugo corn aljoufar», «sete agias grandes de verdugo e todas d aljoufar».

Os Bens de *Vataça*

- VEYROS (veiros), s.m. pi. Guarnições, peles preciosas e delicadas:
«dous panos de parede com veyros».
- VIADO (<lat. *via*), adj. Listado, às riscas de cores diferentes do fundo: «hüa manta grande viada branca», «huum almadraque viado de lãa grande», «hüa corünha de tronasol viado».